

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**ESPAÇO EXTRA-ESCOLAR**  
Fundamentação Acadêmica e Importância do  
Professor de Educação Física

LUIS ALBERTO LINZMAYER GUTIERREZ

CAMPINAS – S.P.  
2004

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA**  
**BIBLIOTECA-FEF - UNICAMP**

Linzmayer Gutierrez, Luis Alberto

L659e Espaço extra-escolar: fundamentação acadêmica e importância do professor de Educação Física / Luis Alberto Linzmayer Gutierrez.-- Campinas, SP : [s. n.], 2004.

Orientador: Jorge Sergio Perez Gallardo

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação Física escolar. 2. Educação extra-escolar. 3. Autonomia. I. Perez Gallardo, Jorge Sergio. II. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. III. Título.

LUIS ALBERTO LINZMAYER GUTIERREZ

ESPAÇO EXTRA-ESCOLAR  
Fundamentação Acadêmica e Importância do  
Professor de Educação Física

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado, defendida por Luis Alberto Linzmayer Gutierrez e aprovada pela Comissão Julgadora em 04 de Junho de 2004.

Professor Dr. Jorge S. Pérez Gallardo  
Orientador

CAMPINAS – S.P.  
2004

## AGRADECIMENTOS

A quem me deram a vida, meus pais Sergio e Fidélia.

A quem meu deu a possibilidade de começar de novo, meu professor Dr. Jorge Pérez Gallardo.

A FEF/UNICAMP pela oportunidade de crescer como pessoa e profissional.

A meus colegas do Grupo de Estudo de Educação Física Escolar: Mono, Mônica, Evaldo, Henrique, Thais, Licia, Silvia, pelas falas cheias de carinho.

A todos os que me ajudaram, com um sorriso, caminhar tão longe de casa. Especialmente a: Sra. Myriam, Daniel, Rafael, Davi, Luciano, Smerfy, Andressa, Taty, Cristina, Isabel, Michele, Caio, Geraldinho, Mariângela, obrigado pela amizade.

Aos professores da FEF/UNICAMP, pela paciência a me escutar no meu “portunhol”.

A quem viverá por sempre no meu coração, DALYEXCOR, com quem aprendi a ser professor e educador: Palita, Carla, Naty, Claudia, Carlita, Daniela, Palú, Karen, Vanetty, Amine, Darenka, Maria Paz, Cony, Melina, Sara, Anita e Verônica.

*Não se descobrem novas terras sem se consentir a perder de vista,  
primeiro e por muito tempo, toda praia. (Gide. 1869-1951)*

## RESUMO

Esta pesquisa nasceu a partir de uma experiência pedagógica no espaço extra-escolar, convertendo dito conceito em objeto de estudo, analisando-o, e desvelando seu significado para a sociedade e como ele deveria ser tratado pela Educação Física Escolar.

A pesquisa teve como transfundo um caráter pedagógico, procurando demonstrar a relevância do espaço extra-escolar no desenvolvimento da autonomia dos alunos e a importância do professor de Educação Física na orientação dos processos educativos durante a vivência e a prática dos conteúdos da cultura corporal, para o desenvolvimento dessa autonomia.

Procurou-se desvendar os fundamentos acadêmicos que sustentaram uma experiência prática empírica de grande sucesso do professor pesquisador. A pesquisa bibliográfica serviu como instrumento principal para o entendimento do conceito extra-escolar, e dos princípios pedagógicos nela envolvidos, estes princípios foram extraídos do livro *Formación Humana y Capacitación dos profesores* Dr. Humberto Maturana Romesin e Dra. Sima Nisis De Rezepka (1995), e da proposta pedagógica do professor Dr. Jorge Pérez Gallardo et al, para Educação Física Escolar (2003).

A proposta se baseia na idéia de que a autonomia deve ser o norteador dos processos educativos na Educação Física Escolar, a qual pode ser exercida de forma plena no espaço extra-escolar. O trabalho da autonomia tem seu início nas aulas de Educação Física, durante a vivência dos diferentes conteúdos da cultura corporal. É a partir dessas vivências que os alunos podem escolher aquelas que mais representaram seus interesses (mais relevantes), para leva-as à prática no espaço extra-escolar. Este espaço deve ser organizado e gerenciado pelos próprios alunos, sob a orientação pedagógica do professor.

**Palavras chaves: Educação Física Escolar, Espaço Extra-escolar, Autonomia, Formação Humana.**

## ABSTRACT

This research came from a pedagogic experience in after school activities, and now transforming this experience in object of study, analyzing, clearing up its meaning to the society and also showing how Physical Education Teachers could take better advantage of this time.

The research had a pedagogic character as background, showing the importance of the after school activities to improve and develop the student's autonomy, and showing as well the importance of the Physical Education Teacher on the education process while the scholars are performing the activities.

The academic basis were arduously sought to support the practical experience of this successful Teacher/Researcher. The bibliography served as main instrument to understand the concept of after school time, and the pedagogic principles involved. These principles were extracted from the book "Formación Humana y Capacitación" whose authors are PhD. Humberto Maturana Romesin and PhD. Sima Nisis De Rezepka (1995), and from the book "Educação Física Escolar" (2003) by PhD. Jorge Pérez Gallardo et al.

The aim of this work is based in the idea of autonomy being a guideline in the educative process, and this autonomy could be absolutely exercised in the after school time. The exercise of autonomy should begin in Physical Education classes, while the students are practicing all possibilities offered. Throughout this experience, the pupils are able to choose the more significant activity according to their own interests and bring them up at the after school time. These activities should be managed and organized for themselves, under pedagogic supervision of the Physical Education Teacher.

**Key Words: Physical Education, After School Time, Autonomy, Human Formation.**

## SUMARIO

xi

RESUMO	vii
ABSTRACT	ix
SUMARIO	xi
Introdução	1
CAPITULO I	
Dalyexcor: uma proposta extra-escolar que deu certo	3
CAPITULO II	
O conceito de extra-escolar	8
CAPITULO III	
3.1.Nossa proposta pedagógica e a importância do papel do professor de Educação Física	24
3.1.2. A passagem da vivência (aula) à prática (espaço extra-escolar)	27
3.1.3. Possibilidades de existência do espaço extra-escolar	31
3.1.4. Fatores que devem confluir para que o espaço extra-escolar que propomos exista	34
CAPITULO IV	
4.1. Rumo à autonomia e à vida em sociedade	40
4.2. Critérios pedagógicos na orientação para a autonomia	46
CAPITULO V	
5.1. Variáveis fundamentais nos processos de aprendizagem, nos espaços de Vivência e Prática, que justificam a importância do papel do professor como educador.	53
5.1.1. O 'como' faz a diferença	54
5.1.2. A presença do professor de Educação Física	56
5.1.3. Afetividade e emoções	58
CAPITULO VI	
6.1. Contribuições e sugestões procedimentais gerais na construção de um espaço extra-escolar	61
6.2. Contribuições e sugestões procedimentais específicas para os grupos de prática no espaço extra-escolar	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	74
SITIOS WEB CONSULTADOS	76

## **Introdução:**

Com base na experiência pedagógica do pesquisador, vivida no Chile, junto ao Grupo de Dança Escolar Dalyexcor, o presente estudo procura uma fundamentação acadêmica do espaço extra-escolar e da importância do papel do professor de Educação Física nesse espaço no desenvolvimento da autonomia nos alunos da Escola de Ensino Fundamental e Médio.

No capítulo I, apresenta-se uma das experiências práticas empíricas que teve grande sucesso, aplicada pelo professor pesquisador numa Escola pública na cidade de Castro, localizada na X Região do Chile, e que mostra a relevância do espaço extra-escolar, no desenvolvimento das múltiplas potencialidades do aluno, em especial, da autonomia.

No capítulo II, oferece-se uma visão do problema decorrente da experiência profissional, de mais de 15 anos, em estabelecimentos educacionais como professor de Educação Física no Chile. Para a análise do conceito extra-escolar, utiliza-se um estudo realizado no ano 1983 por Lucila Schwantes Arouca, estudo que será o fio condutor enquanto esclarecer o conceito extra-escolar.

Faz-se uma análise e discussão dos conceitos de extra-escolar e autonomia baseando-se em dados bibliográficos além de apresenta a nossa proposta pedagógica para o espaço extra-escolar na perspectiva de Formação Humana e Capacitação.

No capítulo III, apresenta-se nossa proposta pedagógica para o espaço extra-escolar, analisando e explicando o espaço de aula como o espaço de vivência e o espaço extra-escolar como o espaço de prática. Junto com isso, se explica como se produz o passo de um conteúdo do espaço de aula para o espaço de prática. Também apresenta-se os fatores necessários para a existência de um espaço extra-escolar pedagógico.

No capítulo IV, analisam-se diferentes aspectos e critérios pedagógicos que são úteis para o desenvolvimento da autonomia dos alunos. Esses critérios devem ser considerados tanto no espaço de aula quanto no espaço extra-escolar, tendo como princípio orientador a formação humana dos envolvidos nos processos educativos.

No capítulo V, analisam-se as variáveis que o pesquisador considera fundamentais nos processos educativos formais e informais, que tornam esses processos atos pedagógicos e não apenas veículos de informação. Analisa-se criticamente a utilização que se faz do espaço extra-escolar como lugar para corrigir deficiências dos alunos, numa visão assistencialista, ou para aprimorar suas habilidades, numa visão utilitarista, mostrando alternativas de utilização desse espaço como lugar ideal para que o aluno desenvolva sua autonomia, e, assim dê um passo importante para o exercício da cidadania.

As variáveis dizem relação com o “*como*” se constrói um espaço pedagógico, em que a base do processo é o convívio afetivo. Uma proposta fundamentada na teoria do professor Dr. Humberto Maturana Romesim e da Dra. Sima Nisis de Rezepka (1995), que focaliza a Formação Humana e a Capacitação, como dois elementos diferentes do processo educativo dos alunos.

Finalmente, no capítulo VI, apresentamos algumas sugestões gerais que podem contribuir na formação de grupos extra-escolares e outras específicas para ser utilizadas pelos grupos já formados. Cabe destacar que algumas dessas sugestões foram criadas pelo pesquisador na sua experiência pedagógica tanto como professor de aula como professor do espaço extra-escolar junto ao grupo de Dança Escolar Dalyexcor.

## CAPITULO I

### **DALYEXCOR: uma proposta extra-escolar que deu certo**

No ano 1998, no percurso de uma aula de Educação Física, três alunas manifestaram que desejavam formar um grupo de dança. Como responsável de um grupo extra-escolar de Basquete, eu as orientei para solicitar ajuda à professora de Ginástica Rítmica, mas aquela não podia encarregar-se dessa atividade. Sendo assim, decidi assumir a responsabilidade de guia-las, ainda que a minha experiência com a dança não fosse satisfatória.

Apesar da falta de experiência, tinha certeza de que a Escola não era lugar para treinar habilidades específicas, mas pensei que o fato delas solicitarem apoio para realizar o que gostavam, seria uma boa possibilidade para desenvolver sua auto-estima e sua autonomia. A única experiência que tive nessa direção foi como integrante do Grupo de Ginástica Rítmica Formativa da Universidade de Chile, na cidade de Osorno, sob a coordenação do professor Dr. Jorge Pérez Gallardo.

Assim sendo, a partir dessa experiência, dediquei-me a procurar formas que permitissem avançar na criação de um grupo de dança, e, ao mesmo tempo, desenvolver a criatividade, auto-estima e a autonomia.

Sem conhecer nada do que acontecia no meio acadêmico da Dança, chamei essa prática de “Dança Escolar”, sem escolher um estilo em particular, já que o propósito era que as alunas procurassem e utilizassem esse meio educativo para explorar suas capacidades criativas, sensibilidade, afetividade, auto-estima e autonomia, e não o desenvolvimento de suas capacidades físicas ou da sua habilidade para dançar.

O nome DALYEXCOR foi criado por elas e significa “Dança Liceana y Expressão Corporal”, a palavra ‘Liceana’ vem de ‘Liceo’, e ‘Liceo’ é a denominação que recebem, no Chile, as escolas municipais de Ensino Médio.

Após um ano, o grupo já contava com 11 meninas entre os 13 e 16 anos de idade, que começaram dançando as danças populares que estavam na moda e que representavam seus interesses, mas, aos poucos, fui orientando-as para que explorassem outras manifestações, em especial, as do patrimônio cultural da ilha de Chiloé. As novas danças ampliaram as possibilidades de exploração, melhorando a capacidade de expressão ao representar motivos e fatos próprios da nossa cultura.

Aproveitaram-se os conhecimentos de dança clássica de duas integrantes do grupo, que transmitiram esse conhecimento às suas colegas, fornecendo-lhes algumas técnicas básicas do Balé. O que mais chamou minha atenção foi a atitude das alunas na responsabilidade para ensinar e das outras para aprender de suas amigas, levando o trabalho com autonomia e dedicação, sem precisar de ajuda direta do professor.

Essas experiências permitiram que alcançassem autonomia para criar suas próprias coreografias, utilização da música, levando-as até a preocupação e criação do vestuário que cada uma delas deveria usar. Um ponto transcendente foi o interesse das integrantes por aprender e representar uma história do povo Huilliche, (povo indígena do Sul do Chile), que tinham ouvido e que levaram, de fato, a cena.

O grupo se apresentava em atividades escolares, tais como: campeonatos de Basquete, aniversários da Escola, ou atividades cívicas da cidade, sendo que essas apresentações eram um dos objetivos do grupo. A minha preocupação limitava-se aos direcionamentos pedagógicos, procurando metodologias que elas pudessem utilizar para suas criações e orientar as práticas para a formação humana de todos nós.

Em 1999, o grupo teve a oportunidade de participar num Encontro Nacional de Ginástica em Santiago do Chile, distante 1200 kms da ilha. Após a apresentação, o grupo recebeu um convite para participar na X Gimnasiada Americana, no Peru, do ano 2000, o que foi uma grande surpresa para todos, já que nunca pensamos na qualidade de nosso trabalho, nem em receber um reconhecimento dessa magnitude.

No ano 2001, o grupo já contava com mais de 20 integrantes, e tinha níveis de ensino: as mais velhas ensinavam às mais novas o que tinham aprendido. Nesse mesmo ano, o Grupo Ginástico da Unicamp (GGU), e seus coordenadores, professores Dra. Elizabeth Paoliello e o Dr. Jorge Pérez Gallardo, da FEF/UNICAMP, viajaram para o Chile para realizar uma turnê na ilha de Chiloé. Nessa oportunidade, o Grupo de Dança Escolar Dalyexcor acompanhou o GGU nas suas apresentações pela ilha, sem a minha presença, já que na mesma ocasião estava ocupado com o Campeonato Nacional de Basquete.

Posteriormente, o grupo foi convidado, por esses professores para participar no I Fórum Internacional de Ginástica Geral, em Campinas – Brasil, no ano 2001, realizando nesse evento apresentações, oficinas e mostras pedagógicas.

Não é assunto desta dissertação relatar todo o realizado pelo Grupo de Dança Escolar Dalyexcor, o que importa é destacar que se trata de um grupo nascido e criado pelos alunos a partir de uma vivência de aula, que desenvolveu sua prática no espaço extra-escolar, e, que o fato do professor não ter conhecimentos técnicos de dança, não foi empecilho para orientar as alunas para explorar as suas possibilidades de expressão e suas potencialidades de criação.

Tive a oportunidade de crescer como pessoa e profissional junto a estas maravilhosas pessoas e comprovar como, durante todo o processo, elas desenvolveram sua auto-estima, sua autonomia individual e grupal e um nível de criatividade que superou as minhas aspirações.

Esclareço que, os fatos aqui relatados encontram-se devidamente documentados em fitas de vídeo e nos relatórios da IX Gimnasiada Nacional Chilena, realizada em Santiago em 1999, da X Gimnasiada Americana no Peru, de 2000, e do I Fórum Internacional de Ginástica Geral, no Brasil, de 2001.

Esses eventos foram os mais relevantes no desenvolvimento das potencialidades do grupo, e os pontos mais importantes a destacar dessa experiência pedagógica seriam:

- A idéia de formar um grupo de dança nasceu de uma vivência de aula de Educação Física Escolar.
- Foram as alunas as que procuraram o espaço.
- Elas criaram suas próprias coreografias.
- Ensinarão às novas alunas o que elas criavam.
- Elas gerenciaram grande parte das práticas e apresentações.
- Partilharam com alunos de outras escolas a sua forma de criar e fazer dança na Escola.
- Desenvolveram seu trabalho no espaço de prática, organizando os tempos em relação a suas outras responsabilidades escolares.
- Conseguiram desenvolver sua auto-estima junto com a autonomia.
- Passaram a valorizar a sua cultura de origem, sua cultura patrimonial.
- Conseguiram, como conseqüência, não como fim, representação internacional.
- Após alguns anos em que aconteceram os fatos relatados, ainda elas se reúnem para celebrar a amizade e a alegria, partilhar lembranças e novas vivências, mostrando a transcendência que estas experiências outorgaram para a sua vida.

Os pontos acima expostos nos permitem afirmar que é possível organizar um espaço extra-escolar a partir dos interesses dos alunos e não só do professor ou da Escola; e que o papel do professor é relevante no desenvolvimento da autonomia, enquanto facilitar o processo pedagógico e fornecer um ambiente sócio afetivo que permita a aos alunos procurar as melhores alternativas para desenvolver sua pratica.

## CAPITULO II

### **O conceito de extra-escolar.**

Como veremos mais para frente em nosso estudo, os espaços extra-escolares têm objetivos assistencialistas e utilitários. Assistencialista, já que procura nesse espaço atender as deficiências que os alunos apresentam na Escola (de aprendizagem, de movimento e/ou de socialização), e utilitarista no sentido de que o Estado vê na Educação Física Escolar (nas aulas e nas atividades extra-escolares), a oportunidade para formar atletas para que representem o país no âmbito competitivo internacional. Obviamente que as escolas interpretam essas indicações governamentais em seu âmbito local, promovendo atividades com fins competitivos, à maneira de contribuir com o processo de descoberta de talentos.

Dentro desses objetivos (assistencialista e utilitarista), o aluno é visto apenas como um objeto, já que ele não é consultado, nem considerado como sujeito capaz de produzir seu próprio espaço de aprendizagem, não tem possibilidades de escolha senão dentro das atividades que a Escola oferece, ficando difícil para ele ter a oportunidade de organizar e gerenciar tais atividades.

É assim que a maior parte dessas atividades é orientada para o desenvolvimento e domínio de habilidades físicas, intelectuais e, às vezes, sociais, o que Maturana e De Rezepka (1995) caracterizam como Capacitação.

O oferecimento dessas atividades se caracteriza: pela formação de grupos de alunos, com o intuito de prepara-los para participar nas competições dos respectivos esportes e/ou eventos acadêmicos; e pela figura de um professor que domina o tema ou o esporte, e que é o responsável pelo sucesso da atividade.

O sucesso dessas atividades extra-escolares é entendido como *cobertura* (quantidade de alunos participantes), e *representação* (o nível de sucesso alcançado: local, regional ou nacional), pelo menos no caso das diretrizes de Chile Deportes, organismo principal de orientar as políticas esportivas e de atividade física no Chile. Essa nomenclatura evidencia uma visão economicista da educação, e uma preocupação pela quantidade de participantes mais que pela qualidade do processo educativo.

O anterior leva-nos a pensar que se trata de um processo de instrução, orientação e preparação de atletas, no molde dos clubes e/ou academias, e não de um processo pedagógico, próprio da Escola, isto é, um processo que desenvolva as potencialidades do aluno, para transforma-lo em um ser autônomo, capaz de organizar-se para reivindicar espaços dentro da Escola e realizar suas próprias atividades com responsabilidade.

Em geral, atualmente, o conceito de extra-escolar no âmbito da Educação Física Escolar, nos remete à visão de atividades que são complementárias ao sistema formal de educação e geram imagens de atendimento de habilidades esportivas, artísticas, físicas e sócias, um espaço onde o aluno é guiado a afinar suas qualidades pessoais, tentando fortalecer especialmente habilidades físicas em relação a um esporte específico, para obter bons resultados nas competições esportivas e/ou eventos.

Conhecidas como atividades extra-escolares, as atividades que se oferecem aos alunos fora do horário escolar, procuram atender as necessidades e interesses que a Escola acredita que os alunos têm, sendo oferecidos na medida que a Escola possui os meios e o pessoal qualificado.

Neste estudo, estabeleceremos uma outra perspectiva, de cunho mais pedagógico, no sentido de direcionar os professores de Educação Física que trabalham na Escola, para reformularem as características e orientações que este espaço tem, direcionando-as ao desenvolvimento da autonomia do aluno.

A proposta objetiva que o aluno gerencie as atividades de seu interesse, sendo o papel do professor o de orientar o processo, facilitando os meios e os mecanismos metodológicos.

Nos anos de docência na Escola, tive a oportunidade de partilhar muitas experiências no âmbito extra-escolar, sendo testemunha dos benefícios que esse espaço pode oferecer aos alunos no seu desenvolvimento, como seres humanos livres e autônomos; porém, também, fui testemunha da utilização do aluno como objeto de rendimento, utilizando-se o espaço extra-escolar para treino de habilidades específicas, sejam intelectuais ou físicas, para participar em competições esportivas e/ou eventos acadêmicos, muitas vezes levando o adolescente a situações limites de resistência, aproximando a atividade extra-escolar às características do esporte de alto rendimento.

Essa visão acima descrita está tão difundida, que para comprová-la somente é preciso assistir a uma prática extra-escolar, de qualquer esporte dado na escola, e perguntar ao professor quais são seus objetivos. Ainda que reconheça a importância dos valores envolvidos, tais como amizade, respeito pelas normas, cooperação, etc, o professor justifica dizendo que nas atividades esportivas esses valores são desenvolvidos. Se esses valores chegarem a ser desenvolvidos, seria apenas de forma colateral e não o alvo principal da atividade; por outro lado, concordando com Bracht (1986), “os alunos que praticam esporte respeitam as regras do jogo... capitalista”, e têm como único objetivo conseguir uma performance que permita competir no máximo nível.

Com o anteriormente exposto queremos estabelecer que o grande problema radica na utilização do aluno como objeto e não como sujeito, ao determinar-se tanto o espaço de aula de Educação Física quanto o espaço extra-escolar, como um espaço para desenvolvimento de capacidades e habilidades físicas deixando em segundo plano o desenvolvimento de qualidades humanas como o respeito por si próprio, liberdade e autonomia.

Sendo parte desses processos, como professor treinador da equipe de Basquete e de Futebol da Escola, e conseguindo destaques até níveis nacionais, nas competições escolares organizados pelo Ministério de Educação do Chile, nos “Jogos Nacionais Escolares”, ficou claro que em todas essas atividades, o objetivo central foi sempre o mesmo, procurar esportistas para o nível nacional e treiná-los para os encontros internacionais. Em relação a isso o pesquisador manifesta sua cumplicidade nesses processos “educativos”, mas foi essa mesma prática o que levou a uma reflexão do que deveria ser um processo educativo na Escola, tanto no espaço de aula, quanto no espaço extra-escolar.

Dentro dessa ótica tradicional, é claro que o aluno não tem muita participação, no sentido de obter certa autonomia, já que quem faz tudo é a Escola e/ou o professor, ficando para o aluno fazer seu melhor desempenho possível no esporte que participa.

Durante a presente pesquisa, é preocupante constatar que não existem muitos estudos na área da Educação Física Escolar, a respeito do conceito de extra-escolar, nem descrições de experiências pedagógicas neste âmbito. No entanto, foi interessante descobrir a conotação que o termo tem no Brasil e em outros países da América Latina, pois é tido como sinônimo de educação permanente, entendida como assistência às deficiências do sistema educacional formal (AROUCA, 1983).

Na tese de doutorado “Educação Extra-escolar e a Realidade Brasileira”, defendida por Lucila Achwantes Arouca e orientada pelo professor Dr. Carlos Rodriguez Brandão, em 1983, a autora faz uma análise histórico-crítica do conceito de extra-escolar.

Esse estudo, ainda que não tenha relação direta com a Educação Física Escolar, nos ajudará a conceituar melhor a nossa proposta: desenvolver a autonomia de nossos alunos na Escola, utilizando o espaço extra-escolar, e determinar os princípios e objetivos que sustentam a Educação Física nesse espaço.

Na tese de Arouca (1983), pode-se ler: “De modo diferente ao que ocorre com a educação escolar formal, a educação extra-escolar se traduz em múltiplas atividades, funções e diferentes conceitos” (p.121). A autora utiliza o conceito extra-escolar como educação permanente, e o identifica como “... um esforço do estado e governo do Brasil para o sujeito construir-se como pessoa, fazer a cultura e a historia” (p. 12).

Destaca que o importante é ter uma

“... educação que não reproduza as desigualdades, uma educação extra-escolar que não sirva para transformar os trabalhadores em autônomos subservientes e submissos às exigências tecnológicas do desenvolvimento econômico mundial” (p. 12).

Na sua análise das relações entre o escolar e o extra-escolar, mostra como o espaço extra-escolar tem a atribuição de tentar resolver a crise da escolarização. Nesse sentido o Ministério de Educação e Cultura (MEC),

“... reconhece a impossibilidade de educar pelo sistema regular de ensino a população brasileira, cabendo a solução não só no possível da educação formal, mas nas varias manifestações da educação extra-escolar, não se excluindo a educação informal no conjunto de todas as formas educacionais”

(AROUCA, 1983:9).

Nesse estudo, ela faz uma apresentação de fatos históricos que demonstram a influencia hegemônica da Europa e dos países desenvolvidos, enquanto às necessidades educativas da América Latina, especialmente no Brasil, afirmando que inclusive organismos como a UNESCO não consideram a realidade brasileira e que esse estilo de educação permanente e extra-escolar é só uma forma mais de transformar o indivíduo em um ser para a produção utilitarista.

O que preocupa a autora é o enfoque desenvolvimentista, cuja característica é o aumento da produtividade e não a promoção do ser humano enquanto seus valores culturais e realidade social.

Segundo Arouca (1983:75), o movimento extra-escolar surge nos anos 50 e 60, como um fato sócio-educativo, atendendo a formação de adultos nos grupos de educação popular, animação cultural, promoção social, reciclagem, aperfeiçoamento profissional, e dado que estas atividades ocorrem fora do sistema escolar formal, recebe o nome de educação extra-escolar.

A UNESCO, criada em 1945, fez sentir a sua influência nos países da América Latina, indicando que toda atividade educativa organizada, que se situa fora do sistema de ensino formal, constitui-se em atividade extra-escolar, administrada por diferentes órgãos dos setores comerciais, industrias, universitários ou particulares, para a educação de adolescentes e adultos, isto é, formação de mão de obra qualificada, e direciona-se expressamente a um público específico com finalidades específicas de aprendizagem. (AROUCA, 1983:95).

Outros autores, tais como Coombs, (1974:8), definem a educação extra-escolar como:

“... qualquer atividade educacional organizada e sistemática que se realiza fora dos quadros do sistema tradicional de ensino, para fornecer determinados tipos selecionados de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto de adultos como de crianças”.

Na “Conferencia Internacional sobre el Desarrollo Rural Integrado”, realizada na Venezuela no ano 1977, Thomas La Belle, em seu trabalho “*Educacion No-Formal y Desarrollo Rural Integrado em América Latina*”, diz que a educação não-formal ou extra-escolar, “refere-se geralmente a programas fora da escola, dirigidos com o objetivo de proporcionar experiências específicas de aprendizagem para uma população também específica”. (1977:4).

Segundo Arouca (1983:107), a educação extra-escolar procura compensar, na região, as deficiências de conteúdo dos sistemas formais e contribuir para a educação do público em geral, e se dirige a pessoas de todas as idades que estão fora do sistema formal, e em sua maioria estão envolvidas no mundo do trabalho e na participação social. Destaca que a definição que mais se aproxima a nossa realidade é a que propõem Enrique Imérito, Antonio Roca e Urriola Santos, no “*Estudio sobre Educación Parasistemático o Extraescolar*”, publicado em 1974, em Mar Del Plata, em que “a educação extra-escolar é o conjunto de ações que, dentro do marco do sistema educativo global, tem por objetivo propiciar oportunidades de educação permanente para adultos, jovem e crianças”.

Arouca afirma que:

“... esta concepção pressupõe programas, métodos pedagógicos, e modalidades de avaliação que levem em conta, a participação de crianças, jovens e adultos, procurando destacar uma lição essencial, ou seja, é necessário um planejamento educacional amplo, onde se englobem as práticas da educação escolarizada e da extra-escolar” (1983:108).

Essa citação reforça a idéia de nossa proposta pedagógica, no sentido de que o espaço extra-escolar deve nascer em sala de aula, durante a vivência dos diferentes conteúdos da cultura corporal que o professor de Educação Física deve oferecer a seus alunos; os conteúdos devem ser oferecidos de uma tal maneira que motivem os alunos a querer se aprofundar em algum deles, formando grupos de interesse, que reivindiquem um espaço para a prática dentro da escola. Esse espaço obviamente é o extra-escolar.

Segundo Martin Miranda, (1975:10-11), a educação extra-escolar deve prover diferentes alternativas inovadoras em educação e promover ações que permitam que a Escola cumpra com sua função de extensão. Nesse sentido, a maioria das escolas cumpre com ofertar atividades que, em teoria, representam os interesses e necessidades dos alunos; no entanto, o que elas representam, na verdade, são seus próprios interesses, utilizando as habilidades de seus alunos para a promoção da Escola. Isto claramente é uma ação de marketing, já que as escolas se promovem pelo sucesso esportivo alcançado pelos seus alunos nas diferentes competições e/ou eventos.

Vejamos o que acontece no caso do Ministério de Educação do Chile quem define a educação extra-escolar como:

“el conjunto de los procesos educativos y recreativos realizados en el tiempo libre de los niños, jóvenes y adultos, principalmente de los que están inscritos en algún nivel del sistema escolar. Constituyen una práctica orientada y organizada de actividades grupales curriculares no lectivas. Pretende contribuir así con el desarrollo integral de las personas, al mejoramiento de su calidad de vida y a que mantengan una relación armonica con el medio ambiente”

([www.campus-oci.org/quipu/chile13.PDF](http://www.campus-oci.org/quipu/chile13.PDF))

No Chile, a educação extra-escolar faz parte do sistema de educação nacional. Daí que deve ser entendida como uma forma específica de obedecer às políticas e normas fixadas pelo Ministério de Educação e/ou governo. Para isso conta com o “Departamento de Educación Extraescolar”, que tem por missão organizar, fomentar e avaliar as ações da educação extra-escolar em todos seus níveis e modalidades como, também, a projeção para a comunidade no marco das políticas educacionais e as orientações técnico-pedagógicas fixadas pelo Ministério nessas matérias.

Em cada Escola, a direção designa um professor-coordenador para o Centro de Educação Extra-escolar, responsável de coordenar e gerenciar as atividades extra-escolares programadas. Segundo o documento elaborado por Sistemas Educativos Nacionales do Chile, os estudantes que participam nas atividades são considerados como sujeitos ativos e criadores de seu próprio ato educativo, e se organizam em grupo de trabalho de acordo a seus livres interesses e aptidões, sob a forma de clubes, brigadas, academias ou outros, assessorados por docentes da Escola.

Porém, a nossa experiência nesse âmbito mostra que os alunos são ativos e criadores apenas nas atividades que o professor e/ou a Escola lhes oferece ou indica. O professor, nesse contexto, direciona praticamente todo o que os alunos devem fazer.

O documento indica, também, que o principal objetivo é ampliar a cobertura de participação na educação extra-escolar – em qualidade e equidade – para aqueles setores infantis e juvenis que não possuem programas educativos sociais específicos, enfatizando aqueles programas das áreas de ação consideradas prioridade.

Em 2001, o Ministério de Educação do Chile, através da Divisão de Educação Geral, criou a “Unidad de Deporte y Tiempo Libre Escolar”, que se vem a ocupar de todo o que ocorre no espaço extra-escolar. A unidade estabelece nos seus objetivos desenvolver a educação do tempo livre, nas áreas da ciência e da tecnologia, arte e o patrimônio cultural, o esporte e a ação social, e melhorar a qualidade da atividade física escolar no conjunto do sistema educativo.

Como podemos ver, nesses objetivos não se considera, pelo menos não o propõem, a participação do próprio aluno na construção, orientação e gerenciamento desse espaço. Esta omissão soma-se ao fato de que as atividades extra-escolares ficam sob a organização e gerenciamento das Corporações Municipais de cada cidade, cujo objetivo principal é conseguir uma grande cobertura por meio de grupos de prática, caracterizados como grupos de treinamento para competir com outros grupos da região, apontando para o rendimento competitivo e não para a autonomia dos alunos.

Num plano de trabalho da Educação extra-escolar do Município de Valdivia (X Região – Chile) pode-se ler:

“...a educación extra-escolar pretende realizar un aporte significativo en la formación de valores, dando especial relevancia a los Objetivos Fundamentales Transversales. A través de esta formación, se pretende plasmar en el alumno, actitudes responsables, que permitan enfrentar la problemática actual, como es la violencia, alcoholismo y drogadicción...”

([www.munivaldivia.cl/educacion/padem2002/educacion%extrascolar.doc](http://www.munivaldivia.cl/educacion/padem2002/educacion%extrascolar.doc))

Além disso, manifestam-se os seguintes objetivos: desenvolver o espírito de participação criativa e de solidariedade; apoiar a expressão criativa de situações de interação grupal, que permitam o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos nas diferentes áreas do saber. Pode-se observar a boa intenção e o espírito educativo dos responsáveis do projeto em relação aos valores dos alunos; mas, na definição e nos objetivos, que os professores desse Município colocam para Educação extra-escolar, não se apresentam, pelo menos não são mencionados termos como: autonomia, afetividade, cidadania, formação humana.

Nesse documento se mencionam três tópicos que devem ser desenvolvidos: *disciplina*, entendida como atividade esportiva específica; *atividade* a ser desenvolvida na disciplina (campeonato comunal, regional ou nacional); e cobertura (quantidade de alunos participantes). O que nos leva a pensar que as orientações pedagógicas ficam sujeitas à vontade dos professores que coordenam as atividades e que os alunos ficam sem possibilidades de criar e propor seus próprios espaços.

Vejamos o que diz a Lei Orgânica de Educação do Congresso da República de Venezuela de 28 de Julho de 1980, nos seus artigos 44 e 45.

“...la Educación extra-escolar atenderá los requerimientos de la educación permanente en programas diseñados para prover a la población de conocimientos y prácticas que mejoren su nivel cultural, artístico, y moral y perfeccionen la capacidad para el trabajo e que el Estado proporcionará en todos los niveles y modalidades la orientación y los medios para la utilización del tiempo libre...”

([www.me.gob.ve](http://www.me.gob.ve))

Pode-se ver nessa declaração, a intenção assistencialista da Educação extra-escolar, ao procurar um desenvolvimento do indivíduo atrelado a sua capacidade de trabalho, embora isso deva ocorrer no “tempo livre” das pessoas.

Verificamos uma tendência assistencialista, também, na Lei de Educação para o Estado de Sinaloa, no México, no seu artigo 81, de 30 de Abril de 2001, que diz:

“...la educación extra-escolar es la que se ofrece a la sociedad en general, por medios distintos de los recintos escolares. Estos médios pueden ser tanto públicos como privados y del sector social”

(<http://laip.sinaloa.gob.mx>).

Porém, há uma diferença: deixa a Escola sem a responsabilidade de oferecer educação extra-escolar, visto que pode ser oferecida “por meios distintos dos recintos escolares”.

Finalmente e voltando a Arouca (1983:409), concordamos quando afirma que:

“... a educação permanente e por consequência a extra-escolar, está submetida a uma sociedade específica, de acordo com sua cultura, sua linguagem, seus interesses nacionais, procurando superar obstáculos e corrigir desequilíbrios”.

E, concordamos, também com Paulo Freire (1985), em que as soluções propostas pelos órgãos internacionais não podem ser aceitas, pois guardam entre si uma dupla contradição. Em primeiro lugar, contradizem a vocação natural da pessoa, isto é, ser sujeito e não objeto do assistencialismo, pois este que recebe assistência torna-se passivo, sem condição de participar do processo do ser próprio crescimento; em segundo lugar, o assistencialismo contradiz o processo de democratização no qual todos têm direito de encontrarem o caminho que os leve a conscientizarem politicamente.

Atualmente, segundo os relatórios de visitas as escolas municipais e privadas de Campinas, dos alunos das disciplinas MH 501 Educação Física Escolar I (que visa a preparação profissional para a atuação profissional na Pré-escola e nas quatro primeiras séries de Ensino Fundamental), e MH 502 Educação Física Escolar II (que visa a preparação profissional para a atuação profissional no Ensino Fundamental de quinta à oitava série e do Ensino Médio), da FEF/UNICAMP, os dados obtidos indicam que depois de mais de 20 anos das afirmações feitas por Arouca e Paulo Freire, as coisas não mudaram muito, em relação às características do espaço extra-escolar.

Na maioria das escolas o espaço extra-escolar, mantém a visão assistencialista, quanto à preocupação com as deficiências dos alunos; e a visão utilitarista, quanto à preocupação com as habilidades dos alunos. Dentro da Educação Física Escolar se mantém a visão esportiva preocupada em transformar os alunos em campeões.

Nessa perspectiva, o ser humano é visto como “objeto” de rendimento e não como “sujeito” de transformação de sua realidade, na procura da sua realização como indivíduo social e cultural, na medida em que não participa da origem e gerenciamento do espaço extra-escolar.

Ainda mais no espaço extra-escolar esportivo, no sentido de que quem decide o que se faz e como se faz é o professor, já que o que importa é o resultado obtido na performance dos alunos nas competições escolares. Assim é que o aluno é treinado nas suas qualidades físicas, deixando para um segundo lugar as qualidades sócias e afetivas.

Para nós é claro que se confunde o que os alunos querem com o que os professores acham que eles querem, ficando na teoria o assunto da autonomia dos alunos, para realizarem as atividades que eles desejam fazer. Esta situação diminui o valor do ato educativo que visa o desenvolvimento do aluno como ser responsável da construção da sua cidadania

Em conseqüência é necessário repensar nossa atuação enquanto professores, educadores, que procuramos o total desenvolvimento do potencial do aluno como pessoa. Repensar e reformular os objetivos dos espaços extra-escolares, já que como espaço educativo não pode evitar a responsabilidade de educar o ser humano em quanto a sua transcendência individual. Obvio que a responsabilidade não é do espaço em se, o espaço é só um lugar físico, mas é nesse lugar físico em que o professor de Educação Física pode e deve potenciar sua atuação profissional.

Em palavras de Paulo Freire (1980:39-40), “... se queremos que o homem atue e seja reconhecido como sujeito”... “... se queremos que através de seus atos seja criador de cultura...”, então, “...é importante preparar ao homem para isso por meio de uma educação autêntica: uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue. Isto obriga a uma revisão total e profunda dos sistemas tradicionais de educação, dos programas e dos métodos”

O estudo do conceito de extra-escolar nos permite extrair os seguintes aspectos que caracterizam a educação extra-escolar:

- A educação extra-escolar é sinônima de educação permanente.
- O assistencialismo e o utilitarismo estão na sua base.
- Visa atender as deficiências e habilidades dos alunos.
- Não nasce das propostas dos alunos.
- É dirigida a uma clientela específica com finalidade específica.
- Responde a uma visão capitalista da educação.
- Os professores de Educação Física o utilizam para treinar seus alunos.

A nossa visão passa por outros caminhos, pois a meta é outra. Essa meta tem a ver com o homem histórico concreto, capaz de transformar a realidade. O homem criador. Mas, o homem só pode ser criador na medida que o sistema educativo não impede as suas possibilidades de livre escolha e expressão. E o sistema educativo impede o desenvolvimento do homem criador, quando utiliza o aluno como objeto, na aprendizagem de movimentos ou idéias padronizadas, colocando num nível de simples imitador.

Na verdade, estamos certos que uma educação extra-escolar que vise o desenvolvimento do aluno como ser humano autônomo, “... deve considerar a vocação ontológica do homem – vocação de ser sujeito –...”, e saber que “... o homem chega a ser sujeito por uma reflexão sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto”, e que, “... a partir das relações que estabelece com seu mundo, o homem, criando, recriando, decidindo, dinamiza este mundo. Contribui com algo do que ele é autor... por esse fato cria cultura” (FREIRE, P. 1980:34-38).

## CAPITULO III

### **3.1.- Nossa proposta pedagógica e a importância do papel do professor de Educação Física**

Para Chalita (2001), a tarefa de todo educador, não apenas do professor, é a de formar seres humanos felizes e equilibrados. O autor se pergunta: o conteúdo vale mais do que o equilíbrio? E as questões emocionais? E a dimensão social? Perguntas que ele responde dizendo que é preciso preparar o aluno para que ele tenha capacidade de trabalhar em grupo, como líder ou como colaborador, mas em grupo. Só assim ele saberá atuar na família e na comunidade.

A importância dos processos educativos que ocorrem nas dinâmicas grupais radica precisamente aí, que a aprendizagem acontece com e no grupo, no qual todos os integrantes são considerados na sua individualidade para a construção de respostas sociais. Isto é, construir a partir de suas necessidades e interesses, visando a autonomia nas novas respostas. Portanto, o espaço extra-escolar, onde ocorrem as práticas grupais, adquire relevância quando é criado pelos próprios alunos e consegue que eles desenvolvam suas potencialidades em benefício de uma comunidade maior.

O espaço extra-escolar na Educação Física deve nascer do espaço de vivência em sala de aula (PÈREZ GALLARDO, et al. 2003), em que os alunos têm contato com o patrimônio da cultura corporal e têm a possibilidade de escolher atividades que desejem aprofundar. Isto significa que o espaço extra-escolar deve surgir do interesse dos alunos para saber mais sobre um tema.

O espaço extra-escolar ganha uma outra dimensão, quando colocado para o desenvolvimento da autonomia dos alunos, já que quando organizado e gerenciado por eles, com o apoio do professor, este espaço se transforma num estágio para a cidadania.

No espaço extra-escolar as atividades têm uma finalidade muito diferente ao do espaço de aula (onde o processo de ensino se caracteriza como vivência), por se caracterizar como um espaço, de livre escolha e adesão, e, por isso mesmo deve satisfazer os interesses e necessidades dos alunos de se aprofundar no tema escolhido; o que o caracteriza como espaço de prática, ou melhor dizendo, como um espaço em que os alunos se apropriam das técnicas e estratégias que vão permitir que sejam mais eficientes no exercício da atividade escolhida, já que sendo mais eficientes nessa atividade, maior será a possibilidade de participar nos grupos de interesse. No concernente a Educação Física Escolar, o vínculo de aula com as atividades extra-escolares está em levar um conteúdo em particular da vivência (aula) à prática (espaço extra-escolar), para aprofundar e ampliar o potencial desse conteúdo.

Na nossa proposta, aqui apresentada, procura-se manter as características pedagógicas que deve ter todo ato educativo formal; porém, existem diferenças entre o espaço escolar e o extra-escolar. No primeiro, o espaço de aula é sistematizado, é comum à maioria das escolas, obedece a um planejamento com objetivos bem específicos; no espaço extra-escolar o processo educativo é mais livre, visto que cada atividade tem peculiaridades e características diferenciadas. No entanto, em ambos os espaços a orientação principal é para a Formação Humana dos alunos.

Tanto no espaço de aula quanto o extra-escolar, as atividades devem ser os meios pelo qual ocorre o processo que leva ao desenvolvimento da autonomia dos alunos e a sua capacidade de liderança, ao tempo que se enfatizam os atos cooperativos e de colaboração.

Por isso, pensamos que esse espaço não deve ser utilizado com atividades onde a competição indiscriminada esteja presente, pois a competição é tida como anti-social, já que “... como fenômeno consiste na negação do outro...” (MATURANA, 1999, p.34).

O espaço extra-escolar legitima-se na medida em que se faz parte permanente da Escola, razão pela qual não deve ser um espaço isolado do contexto escolar, ainda quando seja pensado como extracurricular. É um espaço e tempo que pertence aos alunos na medida que é criado e gerenciado por eles, mesmo para satisfazer suas próprias necessidades e interesses, desenvolvendo-se como indivíduos únicos e transcendentais.

O espaço extra-escolar é ideal para desenvolver com eficácia a autonomia e a liderança dos alunos, devido a que a participação é livre, isto é, não existe a obrigatoriedade das regras escolares (tais como, frequência e qualificações); a participação é normatizada por cada grupo a partir da convivência e dos objetivos que se propõe. O que não acontece quando é a escola ou o professor quem oferece e gerencia uma atividade do conteúdo curricular.

Normatizar é de grande importância para desenvolver a autonomia num espaço democrático, visto que as regras são elaboradas, normalmente, pelas estruturas de poder das instituições, e cabe aos outros só obedecer-las; enquanto que as normas são acordos consensuais para desenvolver com harmonia uma tarefa bem definida. Então, cada grupo de aluno deveria criar as normas de funcionamento das atividades por eles escolhidas. Caso que estas normas se apresentem inadequadas, o grupo deve voltar a conversar e ver qual é o melhor caminho para funcionar corretamente.

O espaço extra-escolar não deveria ter como objetivo assistir, suprir ou complementar o ato educativo formal, senão a procura da autonomia através da apropriação e prática dos conhecimentos necessários para exercer a cidadania. Por tanto, acreditamos que o espaço extra-escolar, utilizado pela Educação Física, não deve ser utilizado com a finalidade do rendimento esportivo, pois essa é função dos clubes ou de organismo que utilizam o esporte com fim em se mesmo.

### **3.1.2. A passagem da vivência (aula) à prática (espaço extra-escolar)**

Vivência, prática e treino, são os conceitos que Pérez Gallardo et al. (2003), utilizam para designar os distintos espaços de atuação para a Educação Física, tendo cada um deles, características e objetivos diferentes. Na presente pesquisa, só é necessário utilizar os dois primeiros.

A *vivência* é definida por Pérez Gallardo et al. (2003:21), como o espaço de aula dentro da Escola, no qual o professor de Educação Física deve “... colocar em contato com a Cultura Corporal os alunos, partindo do pressuposto de que a cultura é um patrimônio universal ao qual todo ser humano deveria ter direito”. Na vivência não se busca um domínio técnico do conteúdo, senão uma ampliação e diversificação das experiências do aluno, para que tenha recursos de escolha, quando requerido pelo meio ambiente. Com uma maior base de experiências é mais fácil responder adequadamente às constantes mudanças do meio ambiente.

Enquanto o espaço de *prática*, “É um espaço de livre organização dos alunos, onde eles escolhem as modalidades e/ou elementos da Cultura Corporal que foram vistos na aula de Educação Física (vivência) e que despertaram maior interesse neles (mais relevantes para eles). O objetivo nesse espaço é o domínio das técnicas escolhidas, aumentando o tempo de experimentação”. (idem)

Portanto, segundo Pérez Gallardo et al. (2003), seriam os espaços extra-escolares, os ideais para desenvolver atividades requeridas pelos alunos para uma maior ‘prática’, e que esses espaços devem ser organizados e administrados por eles.

Em nossa proposta, tanto o espaço de vivência (aula), quanto o espaço de prática (extra-escolar), devem ter como princípio orientador a Formação Humana dos envolvidos no processo educativo, entendendo essa Formação Humana como “... o processo de aquisição de normas, regras e regulamentos que servem de base para viver dentro de um grupo social...” (PÉREZ GALLARDO et al., 2003:9).

O outro princípio que devemos considerar é a Capacitação, entendida como “... o processo de apropriação dos conhecimentos que se acreditam úteis para viver dentro dessa organização social...”. (idem: 9). Para atingir os objetivos que envolvem tanto a Formação Humana quanto a Capacitação, Pérez Gallardo (et.al.2003), indicam que as ferramentas correspondem aos diferentes conteúdos da Cultura Corporal, que acreditam fazer parte da Educação Física.

A passagem da vivência para a prática ocorrerá no momento em que o aluno ou grupo de alunos, manifestem ao professor seu desejo ou interesse por conhecer e praticar com mais profundidade um determinado conteúdo que foi vivenciado na aula de Educação Física. É uma solicitude feita pelos alunos em razão de seus interesses, e não dos interesses do professor.

O professor deve ser competente frente às demandas de seus alunos e evitar recusar uma solicitação, argumentando que ele não domina esse conteúdo. O fato de que o professor não domine a técnica de alguns dos conteúdos, não significa que não possa ofertá-lo, já que se supõe que ele adquiriu na sua formação profissional, os conhecimentos suficientes para satisfazer as necessidades de diferentes tipos de população.

Além do mais, ele deve lembrar que enquanto a *vivência* (aula), não se precisa do domínio técnico, já que esse não é o objetivo da aula da Educação Física, senão o domínio conceitual e análise histórico-crítico do conteúdo. Caso contrário, sua atuação profissional estaria mais próxima da do ‘instrutor’, o qual está submetido às técnicas de alguns conteúdos e, portanto, esse tipo de professor limitar-se-á a capacitar em algumas modalidades e não em todas.

Por outro lado, e não menos importante, é o fato de que qualquer pessoa pode ensinar alguma coisa, seja um movimento, desenho, plantar uma árvore, etc. O que nos leva a outras conotações sobre o fazer do professor. Qual é o conhecimento que o professor deve veicular no interior de sua aula? O conhecimento pode ser oferecido por outras pessoas? Qual é a diferença entre os conhecimentos oferecidos por uma pessoa sem uma formação profissional e a do professor?

Estas questões nos levaram às seguintes reflexões: se existe um grupo de alunos interessados em aprofundar um determinado conhecimento, e dentro do grupo há um que sabe mais do que outros, esse aluno deve ensinar o que sabe aos outros; e, como este aluno não tem uma formação pedagógica, alguém deve orientá-lo para que as atividades se tornem oportunidades de vivência de valores humanos de convívio social, e esse orientador é o profissional formado na universidade, em nosso caso, o professor de Educação Física.

Uma das responsabilidades do professor é manter um ambiente educativo e afetivo, de respeito e de colaboração dentro dos grupos. Isto não significa que se ele deseja participar como instrutor de uma atividade no espaço extra-escolar não possa fazê-lo. Mas, deve-se lembrar que os conteúdos da Cultura Corporal não devem ser utilizados com fim em si mesmo, já que qualquer conteúdo e/ou conhecimento deve ser um meio para educar a pessoa na transcendência da sua individualidade.

Em síntese, os conhecimentos que o aluno recebe na aula de Educação Física devem ser apresentados como vivência, ou seja, que não deve procurar-se um domínio técnico nas habilidades envolvidas. Esse domínio técnico pode ser veiculado na prática do espaço extra-escolar, já que uma das características desse espaço é o maior tempo disponível, necessário para a repetição de gestos e domínio dos mesmos.

Assim, o espaço extra-escolar de responsabilidade da Educação Física Escolar, pode oferecer aos alunos um maior aproveitamento de suas capacidades e habilidades, tanto pelo tempo de prática quanto pelo interesse criado pelos próprios alunos, obtendo o processo de ensino maior relevância e transcendência, levando os alunos a uma apropriação mais significativa do conhecimento e/ou conteúdo escolhido.

Entendemos por relevância, a relação que um conhecimento tem com a vida do aluno, quanto maior relação maior relevância; e por transcendência a passagem ou transição do aluno para um patamar além de seu próprio interesse, vinculando sua individualidade a um processo social, que lhe permite superação. A transcendência significa que a existência individual se transforma em existência social, que a pessoa compreende e aceita seu envolvimento sócio-cultural, num compromisso com os valores dessa sociedade. Segundo Romera, (1997:82), "... a superação dos próprios limites para chegar à transformação social".

No momento de prática, no espaço extra-escolar, produz-se um desenvolvimento conjunto do professor e do aluno ao aprofundar os aspectos de Formação Humana, e respeitar as características sócio-culturais do meio, abrindo espaço na Escola para manifestações da comunidade. Dessa forma valoriza-se a cultura do grupo social ao qual a Escola pertence, promovendo a importância do patrimônio cultural no desenvolvimento do aluno.

Depois da conceituação dos termos envolvidos, respeito do espaço extra-escolar, apresenta-se aqui a nossa definição desse espaço em relação à Educação Física Escolar (PÈREZ GALLARDO e LINZMAYER):

**“O espaço extra-escolar é o espaço de prática que nasce do espaço de aula no contexto escolar e que ocorre fora do horário curricular, e no qual os alunos têm a responsabilidade de organizar e gerenciar uma atividade ou conteúdo livremente escolhido por eles. Este espaço tem como objetivo principal o desenvolvimento da autonomia e sentido de cidadania em relação aos valores sócio-culturais próprios do aluno”.**

### **3.1.3. Possibilidades de existência do espaço extra-escolar**

Para que o espaço extra-escolar tenha a possibilidade de existir, com as características descritas nesse estudo, precisa-se de alguns requisitos que vamos desenvolver a continuação:

#### **3.1.3.1. O que a Escola oferece**

As Escolas, tradicionalmente, oferecem atividades extra-escolares que elas próprias acreditam ser importantes para os alunos. Muitas das atividades oferecidas nesse espaço são atividades que estão na moda ou que são consideradas pela mídia como atividades importantes. Assim, podemos ver que Pré-escolas oferecem atividades de Dança Clássica, Judô, Computação, entre outras. Atividades que dão à Escola um status que ela usa para captar mais alunos, porém a preocupação com as crianças que usufruem desse espaço é mínima, devido que a Escola acredita que deve oferecer alguma coisa além dos conteúdos curriculares para satisfazer os requerimentos da sociedade.

Em relação ao anterior, Romeira (1997: 41), entende que:

“... os verdadeiros interesses direcionadores dos rumos da Educação são ditados por vertentes pedagógicas que atendem aos interesses da classe dominante e que, com isso, fomentam a sua permanência no poder...”.

Outro fato é que algumas escolas oferecem à comunidade atividades extra-escolares com o fim de capacitar às pessoas numa determinada mão de obra, para que ela usufruía disso.

No que se refere à Educação Física, o espaço extra-escolar tem se caracterizado por oferecer aos alunos atividades competitivas, geralmente dos esportes tradicionais, tais como Basquete, Futebol, Ginástica Rítmica, Voleibol, etc., limitando a participação dos alunos. E a atividade competitiva gera um problema particularmente conhecido e discutido na área, que é a discriminação que está implícita no conceito de competição, pois somente os melhores têm condições de representar a instituição em eventos e/ou campeonatos, ficando de lado os menos habilidosos os que acabam tendo a função de torcedores.

Em geral, o oferecimento das atividades fica restrito ao conhecimento que os professores tenham, isto é, se a escola não possui professores com o domínio de determinado conhecimento, essa atividade não é oferecida. Algumas escolas que têm a possibilidade econômica, contratam um professor específico para atender essa necessidade. Em definitiva, o que a Escola pode oferecer é só o que está em condições de oferecer, e, na maioria dos casos, atender os requerimentos de marketing.

### **3.1.3.2. O que os alunos querem fazer**

Nas situações anteriormente descritas, o aluno quase não tem possibilidade de escolha, já que atividades próprias da cultura popular juvenil, malabarismo, artes circenses, patins, dança de rua, entre outras, praticamente não são oferecidas. Isso é decorrente da falta desses conteúdos da Cultura Corporal ao interior da aula de Educação Física. Daí que, o aluno não tenha condições de ampliar e de aprofundar.

Isso tudo leva-nos a deduzir o seguinte:

- Falta de planejamento.
- Não inclusão da cultura popular juvenil no planejamento.
- Como o professor não planeja, ou não considera no seu planejamento, as manifestações populares juvenis, o aluno fica impossibilitado de sugerir na aula de Educação Física e, conseqüentemente, no espaço extra-escolar.

Não podemos esquecer que os alunos gostam de fazer aquilo que mais dominam, mas isso muitas vezes não coincide com o que a Escola oferece. Na verdade, quase nunca coincide o que os alunos querem com o que a Escola propõe, porque muitas vezes a Escola não considera a própria cultura dos adolescentes.

### **3.1.3.3. O que aparece como consenso de um diálogo entre alunos e Escola**

Frente a essa problemática, ponto 1 e 2, se queremos estabelecer um diálogo com os alunos que nos leve a um consenso, devemos levar em consideração o que os alunos querem e o que a Escola pode oferecer. Assim, na aula de Educação Física, poder-se-ia ofertar a variedade de conteúdos da Cultura Corporal, e discutir com eles o que poderia ser aprofundado no espaço extra-escolar, e, em consenso com seu professor e a Escola, escolher os conteúdos que eles mais gostem, criando assim grupos de interesses.

Insistimos na responsabilidade e na importância que tem o fato do professor ofertar em aula de Educação Física a maior quantidade e variedade possível de conteúdos da Cultura Corporal, já que dessa forma pode ser atingida uma maior quantidade de interesses dos alunos.

Concluindo estas idéias, acima apontados, podemos fazer uma síntese por meio do pensamento de Maturana (1999:34), criticando as características do esporte competitivo que estas atividades extra-escolares têm, em relação à Educação Física Escolar: “A conduta social está fundada na cooperação, não na competição. A competição é intrinsecamente anti-social, já que como fenômeno consiste na negação do outro. Não existe a ‘competição saudável’, (...) toda vitória se fundamenta na derrota de outro...”. Ainda mais, “O caráter de prática saudável propagada pelas competições esportivas consiste em mais um argumento apelativo, por meio do qual o espírito capitalista envolve as relações humanas” (ROMERA, 1997:52)

### **3.1.4. Fatores que devem confluír para que o espaço extra-escolar que propomos exista**

#### **3.1.4.1. Espaço e tempo disponível na Escola**

Uma Escola que não tem muito espaço e tempo para oferecer atividades extra-escolares não tem condições de oferecer variedade de atividades. Entretanto, podemos criar espaço e tempo a partir das condições disponíveis, por não se tratar de atividades de alto rendimento. Na medida que se estabeleçam responsabilidades a partir dos interesses dos alunos, serão eles que vão criar os espaços e os tempos.

#### **3.1.4.2. Variedade de atividades da Cultura Corporal no espaço de vivência (aula)**

A Escola deve escutar a seus alunos. Na aula de Educação Física se deve estimular com a maior variedade possível de conhecimentos da Cultura Corporal, para que os alunos tenham muito mais para escolher. Quando o professor só oferta Basquete ou Futebol, deve de considerar que muitos dos alunos não se identificam com estas atividades, somada ao erro comum de oferecer estas atividades, apenas na sua dimensão técnico competitiva, deixa aos alunos pouco habilidosos sem possibilidade de escolha.

Se estes conteúdos fossem considerados desde uma perspectiva histórica, contextualizada e crítica, transcendendo da simples prática orientada apenas ao domínio técnico, para uma compreensão mais significativa destes conteúdos, tendo sentido para o aluno (relevância), e para uma compreensão da dimensão social desses conteúdos, em relação à comunidade (transcendência), poderá despertar maior interesse dos alunos por saber mais. Isto é sumamente fácil de saber, basta perguntar aos alunos o que eles gostam de fazer.

#### **3.1.4.3. Pessoal para ministrá-lo**

Dado que, segundo a nossa proposta, o espaço extra-escolar tem como objetivo o desenvolvimento da autonomia do aluno, deve ser ele quem ministre as atividades nesse espaço. Acreditamos que o aluno deve ser um organizador dessas atividades num papel que supere o de monitor, levando-o a tornar-se num líder, no sentido de que ele não apenas vai ministrar um conteúdo específico, mas também administrar e gerenciar esse espaço.

Por tanto apresentamos as seguintes justificativas:

- Existem alunos com um alto nível de habilidades e/ou conhecimentos dos diferentes conteúdos da Cultura Corporal, que podem facilmente ser monitores de seus colegas de curso no ensino dessas habilidades no espaço extra-escolar, como acontece em algumas escolinhas de esporte: onde o aluno com mais experiência, ensina aos mais novos, auxiliando ao professor.
- Há alunos das escolas que participam ativamente dentro de organizações comunitárias, tais como, Igrejas, Escoteiros, Organismos Não Governamentais, Clubes esportivos, etc., que teriam condições de liderar atividades extra-escolares.

No caso de não existir alunos em condições de liderar e gerenciar uma atividade há alternativa de convidar um membro da comunidade, alguém que seja conhecido por nós, professores, e ofereça certeza de poder guiar os nossos alunos na aquisição de novas habilidades. É claro que isso não significa que o professor deva abandonar a sua responsabilidade de educador, pelo contrário, como educadores temos a responsabilidade de manter a orientação pedagógica, supervisionando as atividades extra-escolares e buscando melhores estratégias para estimular as aprendizagens, para que nossos alunos incrementem seu potencial intelectual, físico, social e cultural. A presença do professor como supervisor das atividades extra-escolares se justifica, desde que os agentes externos, não necessariamente possuem formação pedagógica e/ou estão interessados na Formação Humana dos alunos. Fora isso, a presença do professor é indicadora da sua preocupação pelos interesses de seus alunos e é um grande estímulo para o trabalho deles.

Esclarecemos que o aluno ou monitor, nunca poderá substituir o papel do professor, por ser o professor o profissional que possui o conhecimento pedagógico específico e, supostamente também possui, um sentido profundo do que significa a Formação Humana na Escola; é, precisamente, o licenciado em ensino superior preparado para trabalhar na escola. No caso contrário de o aluno chegar a superar a atuação profissional do professor, pode significar duas coisas: o que o aluno é um gênio, e/ou que o professor é muito ruim.

Estabelecemos aqui, a principal diferença existente no espaço extra-escolar, no que diz relação com a Capacitação e a Formação Humana: a Capacitação estaria sob a responsabilidade do monitor, e a Formação Humana, sob a responsabilidade do professor. É isso que torna importantes ambos sujeitos nesse espaço. Nesse sentido, ambos são complementares, conformam um todo dinâmico e de interdependência no desenvolvimento dos alunos como indivíduos e cidadãos

A Formação Humana como orientação pedagógica, traduz-se na forma como o professor veicula os conhecimentos, e, a Capacitação, na forma como o professor utiliza as técnicas para o domínio de um conhecimento, ambas são fundamentais para o desempenho em sociedade.

Nesta simbiose, nasce uma nova prática extra-escolar. Nova, no sentido de que ambos atores do processo educativo compartilham responsabilidades diferentes, porém complementares para atingir o objetivo educativo. Como indicam Maturana e De Rezepka (1995:11) “La mayor dificultad en la tarea educacional está en la confusión de esas dos clases distintas de fenómenos: a Formación Humana y la Capacitación”.

No espaço extra-escolar, os alunos devem colocar em prática e potencializar suas capacidades de líderes, organizando, ministrando e dirigindo suas próprias atividades, permitindo com isso, o ser autônomo, construindo novo conhecimento a partir de uma análise crítica da sua posição histórica.

Aqui, o professor é um orientador e facilitador dessa autonomia, apoiando o grupo com idéias e metodologias adequadas, favorecendo uma dinâmica relacional mais espontânea e livre de preconceitos.

Dentro do espaço extra-escolar o aluno pode explorar suas potencialidades, a partir de seus próprios interesses, compartilhando com os outros em um ambiente de aceitação e respeito, pois como diz Hildebrandt (1986:29):

“... é necessário encarar seriamente às crianças e jovens como sujeitos que são capazes de atuar em seu mundo. A ação pedagógica se deve realizar no horizonte das experiências da criança e do jovem, para possibilitar-lhes a eles amplo conhecimento, escadas de valores, modelos de ação, desenvolvendo a sua capacidade de atuar”.

Nessa perspectiva, devemos nos preocupar com o caráter afetivo das relações com os jovens que estão se formando, criando atividades pedagógicas que os ajudem a experimentar emoções e sentimentos, tanto a si próprio como aos outros visando uma identidade pessoal e social, capacitando-os em aquelas habilidades que tem relação com o desempenho da vida em sociedade.

Assim sendo, as habilidades que devem ser desenvolvidas nos monitores, e, em todos os alunos, são as individuais, que lhes permitam um conhecimento de si mesmos, e as interativas, que lhes permitam interagir com outros.

Habilidades de observação, organização e reflexão, de maneira que os jovens sejam mais eficientes na sua função, contribuindo com sua auto-estima, afirmando sua identidade.

Habilidades comunicativas, de empatia e de serviço, que possibilitem uma maior aproximação, aprofundando o sentido de pertença ao grupo. Habilidades operacionais, com as quais os alunos aprendem a organizar, sistematizar, dirigir e decidir com base nos seus próprios critérios, sobre atividades nas que podem participar todos os membros da comunidade escolar.

Em este capítulo, temos falado do direito que tem o aluno de escolher suas próprias atividades e de gerenciar de acordo a suas capacidades, essas atividades no espaço extra-escolar, mas, é importante lembrar que essa possibilidade de escolha que se dá aos alunos, não existe no vácuo. São possibilidades de ação que aparecem num contexto educativo no qual os alunos têm sido orientados. Portanto, não se trata de oferecer qualquer coisa nem deixar que os alunos escolham atividades perniciosas para seu desenvolvimento como seres humanos. Portanto, o ato educativo que possibilita o desenvolvimento da autonomia, deve formar parte de todo o processo educativo da Escola, de modo que o aluno seja orientado desde as primeiras séries de ensino, assegurando dessa forma, que os alunos tenham o critério suficiente para fazer as suas escolhas.

Por último, lembrar que o professor é o responsável pela orientação pedagógica dessas escolhas e que o principio norteador deve ser a Formação humana de todos os envolvidos no processo educativo escolar, já que:

“A tarefa de Formação Humana é o fundamento de todo o processo educativo, já que só assim esta se completa, então a criança poderá viver como um ser socialmente responsável e livre, capaz de refletir sobre seu fazer e sobre seu pensar, capaz de ver e corrigir erros, capaz de cooperar e possuir uma conduta ética porque não desaparece em suas relações com os demais...”.

(MATURANA, 1995:12-13)

## CAPITULO IV

*“A idéia da autonomia é intrínseca à idéia de democracia e cidadania.  
Cidadão é aquele que participa do governo  
e só pode participar do governo  
quem tiver liberdade e autonomia para exercê-lo”  
(Moacir Gadotti, ‘Escola Cidadã’, 1992)*

### **4.1 Rumo à autonomia e à vida em sociedade**

Chalita (2003:68-69) observa que o desenvolvimento da autonomia deve ser para ambos atores do processo educativo:

“A educação libertadora tem como meta o desenvolvimento da autonomia, a formação de um educando e de um educador com vontade própria, que tenham luz própria, que sejam um caminhante sem medo de caminhar e sem a necessidade de seguir o caminho feito por terceiros”

Para chegar a ‘educar para a autonomia’, é necessário que o professor também exerça sua autonomia sobre os programas propostos pelo Ministério de Educação correspondente, analisando compreendendo e sistematizando conteúdos que dizem relação com o meio sócio-cultural no qual desenvolve sua ação pedagógica.

A orientação para a autonomia dos alunos precisa de uma visão e ação autônomas do professor frente às diretrizes curriculares e os atos educativos hegemônicos. O professor deve possuir uma atitude crítica, que o leve a posicionar-se como agente transformador da realidade, situando-se num contexto histórico que lhe permita comunicar-se com seus alunos na problemática existencial deles. Um professor sem iniciativa, sem atitude crítica e sem compreender sua função educadora, tem poucas possibilidades de conseguir que seus alunos alcancem a autonomia.

O professor deve saber que, “... para aqueles que ditam as vertentes pedagógicas não é importante a formação de homens efetivamente críticos, formadores de opinião, questionadores da ordem vigente” (ROMERA, 1997:42), portanto, os conteúdos devem ser analisados de uma perspectiva histórico-crítica, que permita superar o senso comum. O processo de análise deve envolver diretamente os alunos se queremos desenvolver neles uma autonomia que os leve à superação dos ditados impostos por outros.

Entendemos educar para a autonomia, como o processo que leva ao desenvolvimento, no aluno, da capacidade de análise e compreensão de fenômenos sociais, tais como os instrumentos políticos de dominação, alcançando a liberdade para utilizar esses conhecimentos de outra forma e em outras situações, fazendo-se responsável pelas conseqüências das decisões que ele tome, nesse contexto de liberdade.

Tal como foi discutido no capítulo anterior, os interesses dos alunos por participar em atividades que eles considerem importantes, devem partir do espaço da sala de aula, já que aqui a função do professor é analisar os conhecimentos e/ou conteúdos de um ponto de vista histórico-crítico-superadora, que permita que os alunos façam escolhas conscientes, responsáveis e autônomas, para desenvolve-las no espaço extra-escolar.

Na orientação da autonomia deve-se tomar em conta os seguintes aspectos:

**4.1.1. Autodisciplina:** entendemos a autodisciplina como a capacidade do aluno de gerenciar suas próprias decisões, sem depender permanentemente das ordens e/ou indicações de seus professores. A ‘ordem’, é a forma tradicional de conduzir os processos educativos formais e informais, especialmente nas escolas. Estabelecer uma atitude de autodisciplina significa, agir na liberdade responsável das próprias determinações, que faz a diferença com responder às exigências impostas por outro.

Para Romera, (1997:45),

“... à medida que somos treinados para obedecer, não criamos o hábito de tomar decisões ou defender valores próprios, não desenvolvemos a autonomia crítica, nos acomodamos num posição na qual não temos necessidade de tomar decisões. Obedecemos tão – somente”.

Uma das atividades necessárias para que o aluno entenda e aceite o valor da autonomia, é analisar e discutir com ele sobre disciplina e autodisciplina, examinar as variáveis que fazem a diferença entre obedecer a outros e ordenar a própria vida. O aluno deve ser conduzido para compreender que ele é parte de um processo de aprendizagem, em que o alvo é ele, e que ele tem grande parte da responsabilidade para levá-lo para o sucesso ou para o fracasso.

A autodisciplina tem a ver com um ambiente em que a liberdade de ação é a que permite que ela exista, mas deve-se fazer refletir que ambiente de liberdade não é libertinagem e quem atua em dito ambiente tem a obrigação de respeitar as normas sócio-culturais desse meio.

Segundo Chalita (2003:69),

“A liberdade é a possibilidade de duvidar, a possibilidade de errar, de experimentar, de dizer não a uma imposição, seja literária, seja artística, filosófica, religiosa, política. E, principalmente, dizer não com consciência, sem teimosia, mas com convicção”.

**4.1.2. Operacionalização das responsabilidades:** refere-se ao processo de planejamento e gerenciamento das atividades que serão desenvolvidas durante o processo, o que deve ser discutido com os alunos. Discussão em que devem ficar claras as responsabilidades de cada um dos integrantes do processo educativo e distribuir as tarefas que cada um deve desenvolver durante o período. Para tanto, é necessário que a Escola tenha um planejamento e a vontade política para realizá-lo. A distribuição das responsabilidades deve considerar as capacidades dos alunos para desenvolvê-las, visto que eles estão se formando para ser autônomos, e isto é um processo de construção respeitando as diferenças.

Como o processo se inicia nas aulas, este deve ser continuado no espaço extra-escolar, no qual, a responsabilidade por administrar as atividades fica por conta dos alunos, aumentando o grau de compromisso. Objetivo proposto por Bechara (2004), para os alunos de segunda série do Ensino Médio.

**4.1.3. Reconhecendo habilidades:** o professor, durante a aula, deve ajudar ao aluno a descobrir as habilidades e as atividades em que ele se dá melhor, considerando que é mais fácil gerenciar atividades que se dominam. Daí que se deve evitar dar tarefas que ultrapassem suas capacidades e que não tenham condições de resolver. Aqui é importante que o professor não coloque na sua aula só habilidades físicas e/ou esportivas, já que corre o risco de magoar a auto-estima do aluno, sobretudo quando superam a capacidade dele.

**4.1.4. Respondendo às responsabilidades:** o professor, junto com os alunos, deve buscar a melhor forma de avaliar as responsabilidades adquiridas, lembrando que é importante a realização da tarefa, no se que se refere à eficácia quanto a eficiência. Dessa forma, o aluno compreenderá que a autonomia é a capacidade do indivíduo de auto governar-se com responsabilidade, e responder com dignidade às conseqüências de ditas ações. Uma forma de avaliar essas respostas é por meio da proposta avaliação por compromisso apresentada na tese de Doutorado de Schonardie Filho (2000)

**4.1.5. Estimular a auto-estima:** Uma das grandes responsabilidades educativas do professor é levar o aluno ao reconhecimento de seu valor como ser humano, visto que, segundo Maturana e De Rezepka (1995), nos tornamos humanos na convivência, pois, a relevância da vida está na relação com os outros. Valorar o que o aluno consegue por si mesmo, legitimando os erros como parte do processo de aprendizagem, evitando o sentimento de culpa e destacando os acertos. Sendo a auto-estima uma valoração que o aluno faz de si próprio, que se transforma na força interna para que ele possa enfrentar com atitude positiva os desafios da vida, é um apoio fundamental para desenvolver autonomia.

**4.1.6. Líderes de Escola:** o aluno se torna líder quando demonstra competência no desenvolvimento das atividades extra-escolares e essa competência transcende o âmbito da Escola para a comunidade na qual ela está inserida. Objetivo que Bechara (2004), propõe para os alunos da terceira série de Ensino Médio. A partir de aqui o professor pode começar a orientar o processo de desenvolvimento da autonomia desde o espaço extra-escolar para a comunidade.

Ao sintetizar, podemos sinalar que:

- O educador deve ter sempre presente que sua função vá além do simples fato de entregar informações ou capacitar em relação a habilidades específicas.
- O educador é um formador de pessoas, e que tanto ele como seus alunos vão se transformando constantemente na interação.
- A Educação Física Escolar, ao fazer da aula de um espaço de vivência afetiva e emocional, tem a possibilidade de estimular a auto-estima e conduzir para a autonomia com alegria e liberdade.
- O professor de Educação Física deve propiciar as condições para que os alunos vivenciem a maior parte dos conteúdos da Cultura Corporal, sensibilizando os alunos para que valorem sua cultura patrimonial.
- A atuação coerente do professor se manifesta durante o exercício de sua profissão mediante seu discurso pedagógico que deve refletir uma prática conseqüente com a formação de seres humanos livre pensadores, críticos da sua realidade social, e responsáveis de cada uma das decisões que envolvem à comunidade.
- Esses seres humanos assim formados devem demonstrar sua autonomia durante o gerenciamento e administração das atividades educativas no espaço extra-escolar, tido com um estágio de cidadania.

As idéias colocadas acima são reforçadas pela seguinte declaração de Chalita (2003:110): “O ponto central da Constituição Federal de 1998 é a dignidade da pessoa humana. Dignidade que só atingirá a sua plenitude se a educação for universal e formadora da cidadania”.

## 4.2. Critérios pedagógicos na orientação para a autonomia

*O respeito à autonomia e à dignidade de cada um,  
é um imperativo ético e não um favor que  
podamos ou não conceder uns aos outros  
(Paulo Freire, 1995:58)*

Em seu papel de educador, o professor de Educação Física deve levar em conta uma série de critérios pedagógicos que nós consideramos importantes para o desenvolvimento da autonomia. Estes critérios que aqui se apresentam, nascem da experiência pedagógica do pesquisador, e não tem outro propósito que partilhar essa experiência, esperando que sejam úteis para outros professores, no atuar pessoal ou profissional.

Como podemos educar para a autonomia? Machado (1997:47) indica que: “... educar para a cidadania significa prover os indivíduos de instrumentos para a plena realização desta participação motivada e competente, desta simbiose, desta disposição para sentir em si as dores do mundo”. Por conseguinte, o processo educativo deve significar uma sensibilização afetiva, que permita ao indivíduo sensibilizar-se pelos problemas sociais da sua comunidade. Essa sensibilização significa tomar conta da interdependência do indivíduo com seu meio, e considerar que a nossa existência só tem sentido em relação da existência dos outros. Assim, os seres humanos, nos constituímos em ferramentas ao serviço da sociedade, e não o contrário, que a sociedade seja utilizada como ferramenta para satisfazer as nossas necessidades. Este altruísmo deve estar implícito nos processos de Formação Humana, para formar pessoas conscientes de sua função social.

Com certeza que são critérios que todos nós, educadores, já devemos ter considerado mais de uma oportunidade, mas, o nosso desejo é que sejam considerados não só como uma recomendação mais. Estes critérios deveriam estar presentes em todo ato educativo que não só vise a autonomia, senão todo ato que envolva o relacionamento humano entre professores e alunos.

**4.2.1. Respeito e aceitação:** cada ser humano é uma individualidade, constituída por experiências particulares que estruturam sua personalidade. Em decorrência, cada aluno deve ser respeitado e aceito na sua diferença, considerando que cada aluno possui uma forma pessoal de olhar e estar no mundo, e, conseqüentemente, uma forma particular de expressar seus sentimentos, emoções, idéias e opiniões. Em conseqüência, cada um deve ser aceito e respeitado na sua particularidade, valorando seu potencial como ser humano, incentivando sua curiosidade natural, estimulando-o a superar suas fraquezas, sejam elas de natureza motora, intelectual, afetiva ou social. Mas, o respeito mais importante é o respeito por si próprio, já que segundo Maturana (1995:25) “... aquele que se respeita a si próprio é independente e autônomo sem estar em oposição; o respeito por si próprio não se constitui na diferença com o outro, senão na aceitação da própria legitimidade”.

**4.2.2. Liberdade de expressão:** É ter a possibilidade de expressar os nossos sentimentos, idéias e emoções, porém, dentro de um marco democrático, que não interfira na liberdade de expressão dos outros. Já que a censura e/ou a proibição desmedida se têm demonstrado muito mais prejudiciais do que a livre expressão.

No âmbito escolar, a censura das expressões dos alunos, especialmente dos adolescentes, tem provocado mais problema que soluções. Essa liberdade levará aos alunos a expressar o que sentem ou pensam respeitos das vivências nas aulas de Educação Física. É por isso que devem ser evitados o cinismo e a hipocrisia na relação com os alunos, especialmente com os adolescentes, criando um meio de confiança que lhes permita uma autenticidade nas expressões corporais e nas relações com as dinâmicas de aprendizagem.

Uma das tarefas do professor é criar, junto com seus alunos, as normas e recomendações que devem estar presentes na forma de expressar as opiniões. A livre expressão de idéias significa respeitar as normas de convivência social próprias de cada cultura.

**4.2.3. Criatividade:** É incentivar os alunos para que utilizem suas experiências, para criar, entender e compreender um novo conhecimento, e utilizar este conhecimento, pela sua vez, para encontrar formas novas, diferentes e eficientes para resolver problemas. Em realidade o aluno é capaz de criar uma nova interpretação que não apenas a tradicional, utilizando a sua inventiva e sua autonomia na solução de problemas específicos.

O desenvolvimento dessa criatividade depende em grande parte do tipo de ambiente que o professor constrói considerando as características dos alunos. Isto permite identificar o valor das diferenças individuais na construção de idéias sócias, surgidas atreves nas dinâmicas da criatividade coletiva.

O processo criativo grupal se fundamenta na participação de cada indivíduo na solução de tarefas comuns. O professor deve fornecer uma metodologia que permita aos alunos pesquisar possíveis soluções de um problema determinado, dando-lhes liberdade para que procurem diferentes formas de exploração e representação, colocando em jogo o melhor de cada um, para o benefício do grupo.

Nesse ponto, faz-se necessário refletir no tipo de criatividade que deve ser desenvolvida na Escola, considerando que existe uma criatividade a construir e outra a destruir, o que obviamente depende dos valores que as pessoas têm. É aqui onde se precisa que o professor tome conta de seu papel de educador e oriente o processo criativo em relação a Formação Humana de seus alunos. A criatividade que deve existir na Escola, é aquela que deve criar espaços de convívio nos quais se destaque o respeito por si mesmo e por outros, espaços de crescimento e vontade de serviço para quem mais precisa, colocando os interesses sociais por sobre os individuais.

**4.2.4. Formação Humana:** Definido pelo professor Humberto Maturana, como princípio orientador para os atos educativos, a sua importância radica nas interações humanas. Concretamente, Formação Humana se refere ao ato de vivenciar, nas aulas e no espaço extra-escolar, valores como, amizade, lealdade, honestidade, amor, tolerância, respeito por si mesmo e os outros, cooperação, colaboração, humildade, solidariedade, empatia, bondade, companheirismo, etc. Valores e princípios que nos mostram um caminho para construir uma sociedade configurada no respeito às diferenças. (1995:12):

“Pensamos que la tarea de formación humana es el fundamento de todo el proceso educativo, ya que sólo si esta se completa, entonces el niño o niña podrá vivir como un ser socialmente responsable y libre, capaz de reflexionar sobre su quehacer y su reflexionar, capaz de ver y corregir errores, capaz de cooperar y de poseer una conducta ética porque no desaparece en sus relaciones con los demás, y capaz de no ser arrastrado a las drogas o el crimen porque no dependerá de la opinión de los demás al no buscar su identidad en las cosas fuera de sí”.

(MATURANA e De REZEPKA, 1995:12)

**4.2.5. Ambiente Afetivo:** O professor deve procurar criar um ambiente amoroso, alegre e dinâmico, que estimule os alunos a partilhar suas experiências com alegria e confiança. Nesse ambiente afetivo se manifestam as expressões de carinho típicas do grupo de amigos e/ou da família, valorando o indivíduo em relação ao grupo. Adequar e canalizar as necessidades de afeto potencializa o processo educativo; um ambiente hostil afasta o aluno do desejo de experimentar, aprender e de construir junto a outros.

**4.2.6. Transcendência:** Significa ir além da individualidade, superando o egoísmo, compreendendo que todos somos necessários na coexistência. No espaço extra-escolar, o aluno adquire as ferramentas para potencializar sua individualidade, mas deve compreender que essa individualidade só tem sentido se a transcende, isto é, mobilizar sua vida com sentido altruísta. O papel do professor é conseguir que os momentos vividos superem a simples informação-instrução. Ele também tem a obrigação de transcender. A transcendência do professor ocorre quando os alunos, sob sua orientação, conseguem ir além da sua individualidade, encontrando sentido a sua existência nas dinâmicas relacionais com os demais.

**4.2.7. Capacitação Social:** Segundo Aron e Milic, (1994:11) a habilidade social é a base para a competência social, que é consolidada pela interação com outros. Para que haja competência social é necessário estimular o aluno para que se interesse pelos problemas sócias da sua comunidade, sensibilizando-o a participar na procura de soluções. A Escola e o professor devem preocupar-se pela integração social de todos os alunos à comunidade escolar independente da sua procedência. Deve-se evitar comparações entre os alunos que façam com que se sintam inferior com relação a outro ser humano. Portanto, a capacitação social deve passar primeiro por uma sensibilização pessoal, que leve aos alunos a se respeitarem e aceitarem como iguais, num contexto sócio-afetivo que transcenda ideologias e discriminações divisórias. No espaço extra-escolar, a capacitação social pode ser vivenciada por meio da organização de grupos de apoio para a comunidade.

**4.2.8. Diminuir o impacto do erro:** O erro deve ser utilizado como experiência que permita aprender melhor, e não como punição. Segundo Maturana e De Rezepka (1995), a criança está no processo de aprender e, portanto o erro faz parte dessa aprendizagem, e, que o que se deve corrigir é o 'erro', e não a pessoa. É possível reconhecer os erros sem destacá-los. Deve procurar-se, no ato educativo, realçar as características positivas dos alunos, e considerar o que eles sabem, e suas condições de aprendizagem.

“A possibilidade de erro é própria de quem busca suas metas, faz parte do processo de aprendizagem. Além de que nada garante que os ‘mais sábios’ fariam melhor” (GARCIA, 1983:46).

**4.2.9. Preconceitos:** Um preconceito é uma opinião antecipada, sem maior ponderação ou conhecimentos dos fatos. É o que prevalece, quando as pessoas, por ser diferentes, pensamos que somos melhores, ou achamos que aqueles que pensam diferente de nós, estão errados. Na medida que existam preconceitos não é possível levar os alunos pelo caminho da autonomia livre e respeitosa das diferenças, já que o preconceito elimina a possibilidade de construir no ser humano uma atitude de serviço. O desenvolvimento da autonomia precisa liberar-se de qualquer atitude que negue ao outro como legítimo outro.

**4.2.10. Simplicidade:** Significa não complicar os processos de aprendizagem, e as vezes, os professores temos a tendência de complicar o desenvolvimento do aluno, influenciando-o negativamente o que acaba por afasta-lo da atividade. Simplicidade no processo significa levar os alunos a procurar respostas, considerando a eficácia e eficiência das mesmas, o que se traduz em economia de energia e recursos.

**4.2.11. Cooperação:** Segundo Maturana (1995), a cooperação é contrária à obediência. A obediência, por um lado, existe no domínio de poder hierárquico, já que quem obedece, obedece por temor a autoridade. Por outro lado, a cooperação existe no domínio consensual, amoroso, no qual as partes decidem agir juntas, sem esperar ordens. No âmbito escolar, a cooperação é indispensável, porque aumenta a harmonia, os nexos de confiança e da lugar a melhores possibilidades de sucesso em qualquer tarefa.

**4.2.12. Patrimônio Cultural:** Entendido como as experiências adquiridas no meio familiar e comunitário que dão o sentido de pertença a um grupo determinado da sociedade (PÉREZ GALLARDO et al. 2003), o patrimônio cultural não deve ser substituído pela cultura hegemônica porque a partir dela que nos vamos a apropriar das outras manifestações culturais, levando em conta que os costumes, tradições e festas de um povo se constituem no seu sentido de existência. O professor de Educação Física Escolar não pode perder de vista este critério pedagógico, pois concordamos com o que aclara Chalita (2003:111):

“Não há justificativa aceitável para a opção por uma visão histórica eurocêntrica ou norte-americana em detrimento de tudo o que há para ser conhecido, estudado, difundido, protegido, amado da cultura do Brasil. Esse é o conceito fundamental para a educação, a difusão da cultura nacional e o respeito pela nossa história”.

Insistimos na questão de que a autonomia dos alunos, como processo pedagógico, o professor deve manter seu compromisso como educador, quer dizer que ele deve transcender o papel de instrutor. E, a medida em que os alunos forem tratados como seres únicos, com potências de transformar a realidade, é possível criar um espaço extra-escolar na perspectiva deles.

É importante destacar que educar para a autonomia significa educar para a transformação e libertação, o que se traduz, segundo Da Silva (1991:77), numa pedagogia centrada na realidade, interesses e necessidades dos alunos.

## CAPITULO V

*“O problema essencial da educação  
é dar o exemplo”  
(Turgot 1727-1781)*

### **5.1. Variáveis fundamentais nos processos de aprendizagem, nos espaços de Vivência e Prática, que justificam a importância do papel do professor como educador.**

Partindo da base que cada realidade escolar é diferente, os três variáveis que discutiremos, logo abaixo, foram relevantes na atuação profissional do pesquisador, o que significam que elas nascem da experiência pedagógica e se vertem aqui como fundamentais no processo educativo, permitindo justificar a importância do professor de Educação Física no desenvolvimento da autonomia dos alunos.

Essas variáveis têm diferenças de amplitude e intensidade, dependendo do espaço de aula e do espaço extra-escolar. No espaço de aula, o professor lida com compromissos estabelecidos pela Escola, ao passo que no espaço extra-escolar lida com compromissos gerados pelos alunos, o que se traduz numa identificação entre professores e alunos, por ser um espaço de expressão mais livre de interações humanas, sem o controle que suscita a avaliação sistemática ou a obrigação de passar um conteúdo específico.

Consideramos as variáveis aqui apresentadas, o *como*, a *presença do professor*, e *afetividade*, interdependentes e constitutivas da nossa essência humana.

### **5.1.1. O 'como' faz a diferença**

Como influenciaremos as ações das outras pessoas? Trata-se, aqui, de considerar a relevância das nossas atitudes e condutas, na construção de um espaço de convívio harmônico, necessário para desenvolver um processo educativo sob o princípio de Formação Humana, seja no espaço escolar ou no extra-escolar.

A forma como agimos está influenciada pelo meio circundante e pelos sentimentos gerados nas interações com este meio. Portanto, é necessário estar alerta às mudanças desse meio, e, também, às atitudes das outras pessoas. Estar ciente de nossas emoções nos permitirá identificar e adequar as nossas expressões, já que temos a possibilidade de construir ou destruir um meio ambiente educativo, com uma atitude ou ação determinada.

Construímos com um olhar amável, com um abraço, com um conselho sem preconceito, com a alegria de viver, com a paciência, com o amor e com a vontade de ser melhor, com o sorriso, com uma flor, com carícias, com uma atitude positiva frente à vida. Destruímos com a soberbia, com a prepotência, com o orgulho, a vaidade, o egoísmo, com olhar de raiva, com o rosto amargo, com as mãos fechadas, com a negação do outro como legítimo ser diferente, com gritos, imposições, batidas, indiferença, com ódio, com uma atitude negativa frente à vida.

É a forma como agimos a que influencia a forma como sentimos, mas, ao mesmo tempo, é o que sentimos o que influencia nossa forma de agir. Não é fácil distinguir onde está a sutil diferença, mas é fácil saber como podemos influenciar os estados de animo ao tomar uma determinada atitude. Tido isso tem a ver com nossa maturidade e nossas aprendizagens, mas os adultos têm a maior responsabilidade frente a quem se está formando e que ainda não adquiriu mecanismos de identificação e adequação frente esses fatos.

Queremos chamar a atenção sobre esta variável, porque no percurso dos anos da experiência profissional do pesquisador, ele constatou que o *como* o professor dirigia-se aos alunos, fazia a diferença entre uma resposta e outra dada pelo aluno, e que muitas vezes, esse fato, essa atitude, conseguia que o aluno ficasse mais perto ou mais longe do desejo de aprender.

Por exemplo, não é mesma coisa dizer para uma criança: “você sabe que o amo”, enquanto olhamos a TV ou o jornal, que dizer as mesmas palavras, mas olhando para ela diretamente em seus olhos, enquanto tomamos seu rosto com ambas as mãos e com voz suave fazemos sentir que ela é a pessoa mais linda e importante de nossa vida.

Às vezes, agimos sem a intenção de ferir, falamos ou agimos sem considerar como será a recepção por parte do outro. Mas, o que nos interessa é que levemos em conta que nossa atitude, nosso “jeito” de ser, muitas vezes, será mais relevante para o aluno que o conteúdo da aula. Relevante porque essa atitude pode ser chave para que o aprendizado nunca mais seja esquecido e tenha sentido na vida dele. É preciso fazer o que recomenda Sanches (2003:34)

“Ao chamar a atenção de uma criança. Lembrem-se: coloquem-se, fisicamente na altura da criança, olhem diretamente para seus olhos, voz firme, porém suave, segurando-a numa das partes do corpo, e digam: ‘vou cuidar de você porque eu quero, porque gosto de você, e não porque é a minha obrigação’”.

Um pequeno gesto pode ser um detalhe. Mas, são os pequenos detalhes os que fazem a diferença.

### **5.1.2. A presença do professor de Educação Física**

A nossa presença como professores de Educação Física nos diferentes espaços escolares, não somente deve obedecer a situações acadêmicas, visto que o papel do educador é mais abrangente em relação da convivência com os alunos. Devemos estar cientes de que a nossa presença é relevante para os alunos, já que com isso eles sentem que são acompanhados e apoiados em suas inquietações, sobretudo, quando essa presença se transforma numa orientação permanente, num modelo, sem a imposição da autoridade e sem invadir a intimidade da pessoa.

Freqüentemente, na preocupação com o planejamento e as ações para a prática pedagógica, esquecemos que o que move o homem não é o pensar, mas o sentir, no sentido da motivação que vêm de dentro, estimuladas por necessidades e interesses particulares. É importante observar e valorizar o que sente o aluno quando está aprendendo, por motivos pessoais ou pela especificidade do conteúdo. Quando estamos presentes em todas as maiorias das vivências de nossos alunos, eles valoram muito mais o objetivo que pode ter o conteúdo ou a atividade. Para o aluno a presença de seu professor significa ‘estou contigo’, ‘juntos vamos fazer isto’, ‘eu também estou aprendendo’, ‘vamos lá’.

Quando a nossa preocupação está centrada apenas no desempenho técnico dos alunos, sem levar em conta o contexto e os valores deles, começamos a coisificá-los, passando a ser simples objetos insensíveis, como máquinas, sem esperar nada mais que o produto para o qual foram estimulados. A respeito disso, Chalita (2003:53) diz: “As pessoas submetidas à atividade continuada, ao reducionismo, a transformação do homem em máquinas exigidas a uma disciplina desumana e a precisão do movimento, sem criatividade, perdem com o tempo a capacidade de reflexão”.

Quando um ser humano se move, o faz comandado por todo seu sistema neurobiológico, mas, o que determina a conseqüência e a apreciação desse movimento é o ‘sentir’. Esse ‘sentir’, no caso do aluno na escola, tem a ver com suas expectativas, seus sonhos e desejos. Nesse sentido, a presença do professor se transforma numa possibilidade de conversa, através da qual os alunos poderiam canalizar suas dúvidas respeito desse ‘sentir’, já que, às vezes, eles sentem que são ignorados pelos demais.

O problema é que a maioria dos estímulos e/ou vivências que o aluno tem, são de nível cognitivo e motriz, esperando-se dele sempre uma resposta intelectual ou motora, deixando para um segundo plano seus sentimentos e emoções. Ainda mais, a maioria desses estímulos e/ou vivências não tem relação com sua cultura e seus interesses.

Na medida em que a Educação Física se torna mais ‘física’, no sentido de oferecer em aula somente estímulos motrizes menos possibilidades existem de que os alunos desenvolvam sua capacidade de ‘sentir’ e transformar essa capacidade em oportunidade diária de crescimento. Em relação a isso Medina (1986:86) diz: “A Educação Física sempre será subdesenvolvida, enquanto estiver eminente ou exclusivamente voltada para o físico. Quando esse passa a representar o fim último de suas tarefas não se pensa em mais nada”.

A presença do professor deve transcender esses aspectos físicos, voltar-se para o aluno num sentido mais humano, importar-se com os problemas e situações que possam estar complicando o desenvolvimento normal dele. O papel do professor como facilitador do processo educativo, significa superar seu papel de técnico-treinador, procurando transformar sua presença num estímulo para o desenvolvimento da auto-estima e a autonomia do aluno.

### 5.1.3. Afetividade e emoções

A afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhadas sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza. (Dicionário Novo Aurélio s/d).

Segundo Sanches (2003:10), “A afetividade domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade. É o componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade”. Saber que temos o potencial de vivenciar a afetividade em todas as esferas do desenvolvimento humano, nos proporciona uma a possibilidade de construir um espaço de aula e/ou extra-escolar, baseado na configuração emocional das interações sociais. Sendo as emoções uma das formas nas quais se manifesta a afetividade, estabelece-se aqui a relevância das emoções no processo de desenvolvimento humano, especialmente nos espaços de aula e/ou extra-escolar, já que é nesses espaços onde ocorre a maior quantidade de interações dos alunos.

O valor das emoções exige de nós, educadores, tomar consciência do que significa desenvolver todo o potencial humano do aluno. O problema surge aqui porque no processo escolar, muitas vezes, o aluno é tratado como objeto e não como sujeito do processo. Em relação a isso, Maturana (1999:64) aclara:

“Pensamos que es fundamental que los educadores sepan que la vida humana sigue el curso de las emociones, no de la razón y que esto no es una limitación sino una característica de nuestra constitución humana como seres vivos. La educación, pues, debe producirse en el conocimiento y comprensión de que las emociones son la base de todo lo que hacemos, incluyendo nuestra racionalidad”

Reconhecer as emoções nas expressões corporais permite-nos compreender as emoções das outras pessoas, facilitando a empatia e, construindo um convívio sócio-afetivo, baseado no respeito a si próprio e aos outros. “Em geral, ninguém que nos vê ou escuta consegue ver o que fazemos ou entender o que falamos, se não distingue a emoção que sustenta a nossa conduta” (MATURANA, 1998:145-147).

De acordo com o anterior, é necessário que o professor vincule os conteúdos e/ou conhecimentos com as vivências dos alunos, contextualizando-os e evitando a divisibilidade dos aspectos que nos conformam como ser humano, corpo, mente e ser social. Aprender a reconhecer-nos na alegria, na tristeza, na raiva, o medo, etc; tomar conta de nossas emoções que acontecem nas dinâmicas relacionais deve ser um objetivo fundamental enquanto a formação humana de nossos alunos.

Devemos estar cientes que:

“O grande pilar da educação é, sem dúvida, a habilidade emocional. Não é possível desenvolver a habilidade cognitiva e a social sem que a emoção seja trabalhada. A emoção trabalha com a libertação da pessoa humana. A emoção é a busca do foco interior e exterior, de uma relação do ser humano com ele mesmo e com o outro, o que dá trabalho, demanda tempo e esforço, mas é o passaporte para a conquista da autonomia e da felicidade”

(CHALITA, 2003:232-233)

Independentemente dos valores de cada cultura as emoções permitem que nos comuniquemos no sentido mais profundo da nossa existência. Elas pertencem à nossa história evolutiva como espécie e, na medida que as vivenciamos, possibilitamos o desenvolvimento de um ser íntegro e total. Estando cientes de nossas emoções e adequando-as dentro de um espaço sócio-efetivo, permite nos assumir que aprender significa perceber e que esse perceber, pela sua vez, nos permite tomar consciência da realidade.

Finalmente, desejamos encerrar esta variável com o pensamento de Daniel Goleman (1995:18) respeito das emoções: “Uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. Para o bem ou para o mal, quando são as emoções as que dominam, o intelecto não pode nos conduzir a lugar nenhum”

## CAPITULO VI

### **6.1. Contribuições e sugestões procedimentais gerais na construção de um espaço extra-escolar**

Apresentamos, aqui, algumas sugestões extraídas da experiência de trabalho com alunos no âmbito extra-escolar, e que podem ser úteis para quem desejar formar um grupo de trabalho no espaço extra-escolar. São aspectos e situações próprios da atuação profissional na Escola.

#### **6.1.1. Descobrimto das necessidades, características e interesses dos alunos e da Escola.**

Significa que o professor deve pesquisar quais são as necessidades e interesses sócias. Onde moram, condições de vida, etc. Pesquisar as condições da escola, material e humano. Pesquisar o nível de compromisso dos colegas e o perfil e aluno que desejam formar.

#### **6.1.2. Identificação de agentes capacitadores:**

O professor não precisa fazer tudo. Só precisa buscar entre seus alunos, ou integrantes da comunidade (professores, pais, ex-alunos e outros profissionais), aqueles que tenham o conhecimento de um conteúdo específico e lavá-los à Escola como agentes de capacitação ou monitor. O professor é responsável pela orientação pedagógica do conteúdo, o agente externo é só um elemento de capacitação do qual os alunos poderão usufruir o conhecimento específico desejado.

#### **6.1.3. Facilitando a existência de grupos de interesses**

O professor deve estar atento aos interesses de seus alunos e da Escola, e estar disposto a apoiar as sugestões deles na formação de grupos de prática, ainda quando esses interesses não sejam da sua área. Negar a possibilidade de existência de um grupo de prática significaria negar um de seus principais papeis como educador, que é, orientador dos interesses e necessidades dos alunos e, conseqüentemente, da autonomia.

#### **6.1.4. Organização de atividades que envolvam a toda a comunidade escolar**

Na prática, significa trabalhar em conjunto com os outros professores, sobretudo com aqueles que têm uma maior afinidade com a Educação Física, o de Artes Musicais, Artes Manuais, Teatro, História, Linguagem e Comunicação. O objetivo é criar um grupo de “Artes Integradas”, no qual os alunos junto a seus professores, podem colocar em cena uma obra que incluía idéias, emoções, fatos históricos, poesia, fotografia e todo aquilo que faz parte do patrimônio cultural da comunidade na qual está inserida a Escola.

### **6.2. Contribuições e sugestões procedimentais específicas para os grupos de prática no espaço extra-escolar**

As sugestões que indicamos a continuação são produto da experiência empírica profissional do pesquisador, junto a grupo Dalyexcor, confirmadas durante o processo de formação acadêmica, no curso de pós-graduação na FEF/UNICAMP. Estas sugestões podem ser úteis para incentivar a coesão e sentido de pertença entre os integrantes de um grupo. Descobrir o essencial, superar o fazer por fazer, devem ser objetivos fundamentais no processo, visto que: “O essencial consiste naquilo que não é efêmero; e que marca toda uma existência, que deixa cicatriz, que fica na memória. Pelo essencial vale a pena lutar, vale a pena sofrer” (CHALITA, 2003:97).

#### **6.2.1. Aquecimento afetivo**

Possibilitar que os alunos se conheçam, realizando algum tipo de atividade que os leve a descobrir-se além dos nomes. Atividades essas, que os ajudem a aproximar-se como sujeitos e não como objetos. Quer dizer que é preciso orientar o processo para uma atitude de confiança, amizade e coleguismo.

Do mesmo modo como existe um aquecimento físico para preparar o corpo, existe um aquecimento afetivo para interagir emocionalmente, para desenvolver atividades com maior confiança e participação. Este aquecimento consiste em criar um meio ambiente que permita aos alunos se aproximarem entre si, conversar e partilhar experiências.

### **6.2.2. Sensibilização**

Fazer com que os integrantes do grupo se reconheçam como pessoas sensíveis em relação a seus sentimentos e/ou emoções, para assim ser sensíveis aos problemas sociais da comunidade. Perceber a diferença entre o importante e o superficial, o urgente e o que pode esperar. Sensibilizar o grupo e cada um de seus integrante respeito da sua tarefa e razão de existência. Essa sensibilização pode ser encaminhada colocando os alunos em diferentes situações, tais como: ouvir uma música, representar idéias o fatos sociais, sair a caminhar juntos, visitar lugares pobres, lares para a terceira idade, entre outras. Junto com tudo isso, é importante levar o aluno a perceber a beleza da sua existência, e o quanto pode fazer por as outras pessoas.

### **6.2.3. Tarefas comuns**

Os alunos devem saber que, no que respeita ao funcionamento do grupo, existem tarefas comuns a todos os integrantes, de forma que assumam que a existência e sobrevivência do grupo dependem das ações e responsabilidades de cada um. Tarefa comum significa que um integrante não deve esperar ser mandado para realizar alguma ação em benefício do grupo. Entender que todos são necessários e que as tarefas que precisam ser feitas podem ser realizadas por qualquer integrante do grupo.

#### **6.2.4. Divisão do trabalho**

Para Ridley (2000:49), “a divisão do trabalho é uma vantagem da sociedade e a organização é que torna a sociedade humana maior do que a soma das partes”. Isto faz com que cada integrante saiba muito bem que sua função é relevante no desenvolvimento dos objetivos do grupo. A divisão do trabalho num grupo nasce das tarefas comuns, mas, também, significa estabelecer responsabilidades específicas de acordo às habilidades de cada integrante. As tarefas individuais nos preparam para as responsabilidades sociais da comunidade.

#### **6.2.5. Unificação de critérios**

Significa ter uma filosofia de ação que direcione os objetivos do grupo, necessário para a coesão e o sentido de pertença. A unificação de critérios leva a estabelecer ‘o critério’ da missão do grupo e nasce de questionamentos: ‘por que’, ‘para que’ e ‘como’ existe esse grupo. Na prática, cada integrante deve conseguir flexibilizar seus critérios para a criação de um critério comum.

#### **6.2.6. Aniversários**

O fator afetivo é de muita importância na formação e manutenção do grupo. Cada grupo deve ter uma lista com as datas dos aniversários de todos os integrantes, para festejar o dia de cada um. Cada um deve sentir-se querido, aceito, respeitado e considerado pelo grupo, demonstrando-se que sua presença é algo fundamental. Deve incluir-se o aniversário do grupo, a data escolhida como a fundação do grupo.

### **6.2.7. Objetivos**

Todo grupo precisa determinar os objetivos que orientarão sua prática. Esses objetivos deveriam estar relacionados com os objetivos educacionais da Escola e com os objetivos sociais da comunidade. O delinhamento dos objetivos permite definir as atividades e características que o grupo deve adotar, fortalecendo as razões pelas quais se pertence a esse grupo e não a outro. Deve-se lembrar que os objetivos dos espaços extra-escolares devem considerar o desenvolvimento da autonomia e vinculação com a cidadania.

### **6.2.8. Planejamento**

Todo grupo de prática deve ter um planejamento, no qual se inclua os programa e as atividades a realizar. Planejar tanto os encontros de cada prática quanto o trabalho que se pode realizar durante o ano escolar. Este aspecto ajuda a tornar o espaço extra-escolar um espaço educativo e pedagógico, já que o planejamento pode considerar aspectos do currículo escolar, o que dependerá dos interesses dos alunos e da orientação do professor.

### **6.2.9. Identificação do Grupo**

Cada grupo deve ter um nome que o identifique dos outros grupos da Escola e da comunidade. A identificação ajuda a criar um sentido de união e pertença com um forte laço afetivo, visto que ao possuir identidade própria o grupo se transforma em “indivíduo” com personalidade e até data de aniversário, e mesmo que o grupo deixe de existir, o nome permanecerá para sempre.

### **6.2.10. Atividades sócio-recreativas**

Oferecer atividades fora das horas de prática, levando o grupo a compartilhar momentos diferentes do cotidiano escolar, faz a diferença entre os grupos que objetivam somente o rendimento e as competições e os grupos que objetivam a exploração das potencialidades humanas além das habilidades técnicas.

### **6.2.11. Escrevendo para os alunos**

Escrever pequenas mensagens e/ou frases que mostrem outras alternativas e formas pelas quais eles podem manifestar e canalizar seus interesses e sentimentos. Buscando frases e argumentos que sirvam de orientação para sua vida ou se preferir, escreva suas próprias idéias e pensamentos, com a finalidade de fortalecer as qualidades de cada um e do grupo. Ao mesmo tempo, peça que se escrevam e dialoguem com seus sentimentos e manifestem o que pensam de determinado fato, ou simplesmente, que compartilhem aquilo que gostam.

### **6.2.12. Criação de um ritual**

Os rituais obedecem à necessidade dos seres humanos de marcar um evento ou acontecimento importante para o grupo. estes rituais unem os integrantes na espiritualidade das manifestações, o que lhes ajuda à transcendência e identidade com o grupo, independentemente do aspecto religioso. O grupo de Dança Escolar, “DALYEXCOR”, tinha um ritual que se realizava a noite anterior de uma apresentação, conhecido como “A noite do palitinho de fósforo”. Consistia em reunir o grupo na casa de algum integrante, onde se partilhava e conversava de muita coisa, e no momento de encerrar a reunião, se desligava a luz elétrica e só ficava uma iluminação de velas. Cada um de nós acendia um fósforo e falava o que sentia respeito do grupo e dos bons augúrios para o evento que estava para acontecer. Não se faziam comentários sobre o ritual, só se falava dos sentimentos. Isso produzia uma sensação de pertencer a um grupo que está unido muito além do que faz.

### **6.2.13. Ensino**

O ensino ao qual nos referimos aqui tem a ver com a capacidade que tem qualquer pessoa de mostrar e ensinar a outra, um conhecimento ou experiência que ela domina, independentemente da faixa etária e do grau de instrução. O professor deve preparar os integrantes como monitores, para ensinar aos novos algumas das atividades importantes do grupo. Esta experiência pode ser aplicada fora do grupo, levando esse conhecimento para outras escolas.

O ensino não deve ser visto apenas como responsabilidade do professor, nem como se fosse uma exclusividade acadêmica; todos deveriam ter a possibilidade de ensinar, já que todos têm alguma coisa para ensinar, ainda quando sejam pequenas coisas. O importante do ensino é o valor para a auto-estima.

#### **6.2.14. Pesquisa**

Pesquisar é experimentar um conhecimento em novas situações, e cada um de nós sempre está pesquisando. E por isso que pesquisar tem a ver com os momentos em que os alunos criam respostas novas, a partir dos problemas que devem enfrentar como grupo, procurando múltiplas possibilidades de exploração e expressão nas que se possam representar as novas respostas encontradas.

#### **6.2.15. Extensão**

A extensão é dar a conhecer a outros o fruto de um trabalho, partilhar com outros o que grupo faz. Essa extensão permite mostrar à comunidade como o grupo desenvolve seu trabalho e quais são seus objetivos. Junto com isso, envolve à comunidade fazendo participar ela de uma experiência prática.

Os conceitos de ensino, pesquisa e extensão devem ser entendidos com a flexibilidade que corresponde ao meio escolar, e em nenhum caso, como uma obrigação acadêmica; deve-se lembrar que todos isto são sugestões, e cada professor e/ou grupo determinará se servem a seus objetivos ou não. Mas, também deve-se lembrar que o objetivo do espaço extra-escolar e de todo o que aconteça no seu interior, tem por objetivo principal o desenvolvimento da autonomia. Por tanto cada um destes aspectos, foram criados pensando nisso.

**6.2.16. Levar um registro das atividades**

Tente registrar cada uma das atividades que o grupo realize. O objetivo é ter uma base de dados que permita estabelecer orientações e corrigir erros. Junto com isso, o registro, em fitas ou fotografias, se transforma em lembranças, motivo para reunir-se e lembrar aqueles tempos maravilhosos.

**6.2.17. Integração dos pais**

O fato que este aspecto se encontre mencionado ao final destas sugestões, não significa que não seja o mais importante. A integração entre pais e alunos auxilia na consecução dos objetivos do grupo. Invitá-los a participar nas atividades do grupo, amplia a função na formação humana de ambos. É interessante descobrir como este espaço extra-escolar pode ajudar a melhorar o relacionamento entre pais e filhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Farias (1980:26), um dos meios mais enriquecedores que possui um professor para sua própria evolução e aperfeiçoamento é a análise de experiências e de problemas concretos que acontecem durante sua atuação profissional. Múltiplas situações que vive dia a dia, se fossem seguidas de um estudo metódico, de uma reflexão consciente e, no possível, compartilhada, poderiam ser fontes de ensino e crescimento permanente.

Como foi assinalado no início, este estudo obedeceu à necessidade do pesquisador de fundamentar, academicamente, a importância do espaço extra-escolar, já que foi nesse âmbito no qual o pesquisador encontrou uma maior relevância e transcendência dos atos educativos escolares.

Para ele não ficam dúvidas do que significa ou pode significar esse espaço no desenvolvimento na autonomia dos alunos. Mas, o fato de não encontrar informações ou pesquisas na área da Educação Física respeito do tema, nos leva a pensar que esse espaço não tem sido tratado como um espaço pedagógico, nem como um espaço para desenvolver o potencial do aluno, sobretudo em relação a sua Formação Humana e Capacitação.

A idéia generalizada sobre o espaço extra-escolar, é que se trata de um espaço compensatório da função escolar, que acontece fora do espaço e tempo regular do currículo, apresentando um perfil assistencialista e utilitarista para os usuários, mas sem uma orientação pedagógica em relação ao desenvolvimento da autonomia da pessoa.

Fazer do espaço extra-escolar um espaço de construção da cidadania significa muito mais que realizar atividades para e com os alunos. Deve significar uma visão humanista no sentido de que esse espaço se transforma num meio para a transcendência do ser humano, a partir de suas características culturais, o que implica considerar o indivíduo no contexto dos processos sociais.

Para que o anterior tenha relevância para o aluno que participa do espaço extra-escolar, esse espaço deve surgir das propostas dos alunos, baseado nos interesses e necessidades deles, e não apenas dos interesses do professor ou da Escola.

A proposta apresentada aqui pretendeu oferecer ao professor uma alternativa mais para sua atuação profissional, procurando uma formação mais humana dos alunos, entendida como um equilíbrio entre os valores adquiridos no processo de socialização e os conceitos de capacitação de habilidades para desenvolver-se em sociedade, com um espírito crítico e de colaboração e respeito pelas diferenças.

Não é a nossa intenção dar receitas infalíveis, nem desacreditar o espaço extra-escolar existente até agora. Mas, chamar a atenção dos professores que dedicam parte da sua vida à orientação de crianças e adolescentes, na procura de conhecimentos significativos e transformadores da realidade.

Deve-se lembrar que a atuação do professor de Educação Física na Escola, deve ir além dos conteúdos propiciando um ambiente afetivo e colocando na sua aula a maior quantidade possível de conteúdos da Cultura Corporal no espaço de aula. Dessa forma o professor estará possibilitando que os alunos tenham mais alternativas de escolhas para propor espaços de prática.

Junto com anterior, destacamos que qualquer conteúdo e/ou conhecimento que seja vivenciado na aula de Educação Física, deve ser oferecido com uma análise crítico-histórico-superadora, levando ao aluno a uma compreensão dos efeitos sócio-políticos que pode ter esse conhecimento.

O nosso estudo foi realizado pensando na fundamentação acadêmica para o espaço extra-escolar, colocando o papel do professor de Educação Física como relevante no processo pedagógico do desenvolvimento da autonomia dos alunos, desvelando as condições, princípios e orientações que devem ser considerados no momento de organizá-lo, para que esse espaço exista com as características de Formação Humana aqui delimitadas

A proposta do professor Dr. Jorge Pérez Gallardo, para definir os espaços de atuação profissional do professor de Educação Física (vivência – prática – treino), fornece a possibilidade de orientar objetivos específicos para cada um desses espaços, sendo o espaço de prática o indicado para desenvolver uma educação extra-escolar que vise a autonomia do aluno.

O professor, tanto na aula como no espaço extra-escolar, deve considerar se o princípio de Formação Humana, isto é, manter uma atitude de oferta de um meio ambiente afetivo orientado ao respeito de si próprio e dos outros, tendo como pano de fundo os valores de cada cultura.

Lembrar que, segundo Maturana (1999:60), “o ensino de habilidades operacionais é um instrumento para realizar a tarefa central da educação: guiar as crianças em seu desenvolvimento como seres humanos. Uma criança que cresce no respeito de si própria e aceitação de si mesma, pode aprender qualquer coisa e adquirir qualquer habilidade que ele ou ela deseje”.

É fundamental afirmar que o ato educativo da Educação Física Escolar, não deve estar centrado no desenvolvimento de habilidades mecânicas ou técnicas.

O desenvolvimento educativo deve ter uma aspiração maior: a construção de um ser humano autônomo, independente, disponibilizando sua individualidade para a sua comunidade.

Destacamos que a afetividade é um pilar fundamental em qualquer processo humano, já que nos permite ter uma atitude positiva frente aos acontecimentos diários, o que se traduz num clima de carinho que nos iguala como indivíduos com vontade de amar. Em quanto os espaços escolares, para nós, professores, viver a afetividade não é outra coisa que levar pela frente uma atitude amorosa e alegre, mas com a determinação pedagógica das responsabilidades como educadores. Uma dessas responsabilidades é levar ao aluno valorizar sua capacidade de afeto, mas o afeto não é uma ‘coisa’ que se fala, é uma atitude que se ‘vive’, em demonstrações sinceras e efetivas. Em quanto Formação Humana, o processo de ensino perde força e sentido, se não temos, junto ao conhecimento, uma atitude afetiva para nossos alunos. Se a educação procura o desenvolvimento integral do indivíduo, a afetividade não pode estar ausente. Isso é válido tanto para as vivências escolares quanto para qualquer vivência da existência humana.

Finalmente, queremos enfatizar que ainda quando os espaços de aula e extra-escolar tenham características diferentes, o professor não deve esquecer seu papel pedagógico quanto formador de seus alunos como cidadãos críticos e úteis a sua sociedade. Portanto, o processo pedagógico que ele direcione deve considerar o aluno como sujeito em constante evolução e não como objeto de reprodução.

O que justifica o espaço extra-escolar, quanto o espaço de vivência (aula), como ato educativo/pedagógico é a consecução da autonomia do aluno, independentemente do desenvolvimento de uma habilidade específica, e, a importância do professor radica na sua qualidade de pedagogo e educador, ao procurar e fornecer aos alunos, as melhores metodologias para que eles desenvolvam suas propostas. O que significa que o professor deve educar o aluno como cidadão autônomo e competente frente às demandas sociais da sua comunidade, e precisa sensibilizá-lo para viver em tolerância, respeito e aceitação das diferenças.

A ação pedagógica estabelece seu caráter educativo quando se importa com a problemática existencial das pessoas junto com a aquisição de conhecimentos, especialmente dos alunos, já que todos nós vivemos num constante processo de formação. Mas é importante ter clareza que essas ações pedagógicas precisam dos conhecimentos acadêmicos necessários para o desenvolvimento da totalidade de nosso potencial como indivíduos, e que esse potencial individual deve ter o norte da cidadania. Isto significa que os processos pedagógicos, no espaço que ele exista, formal ou informal, devem ter sempre presente a que seu valor educativo está na procura da transcendência do potencial individual para o benefício social..

Esperamos que a nossa análise do conceito extra-escolar e a nossa proposta pedagógica para esse espaço, sirva como estímulo para que os profissionais da educação se interessem por pesquisar a relevância dos espaços escolares na formação de pessoas capazes de transcender sua individualidade, e, que, sobretudo, se entenda que os espaços escolares têm como objetivo principal a formação humana do indivíduo, procurando evitar a utilização dele como se fosse um produto de mercado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AROUCA, L. Sch. **“Educação Extra-escolar e a realidade brasileira”**, Política Governamental para a formação de recursos humanos; (Tese de Doutorado) PUC/SP, 1983.

ARON, A . M. e MILIC, N. **“Vivir con otros: programa de desarrollo de habilidades sociales”**, Sanantiago, Chile. Universitaria. 1994.

BECHARA, Evaldo. **“Educação Física Escolar: proposta para formação de líderes comunitários para alunos de 2º e 3º séries de Ensino Médio”**. Tese de Doutorado. Orientador Prof. Dr. Jorge Pérez Gallardo, FEF/UNICAMP, 2004.

BRASIL, LBD, Lei 9394, artigo 2, Título II, 1996.

BRACHT, V. **“A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista”**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. V.2. 1986.

CHALITA, Gabriel. **“Educação, a solução está no afeto”**, Edit. Gente, S/P, 2001.

CHILE, MINISTERIO DE EDUCACION DE CHILE, Division de Educacion General, Unidad de Deporte y tiempo libre. **“Orientaciones Generales para el Desarrollo del Deporte y Tiempo Libre Escolar”**. Jornada Regional de Supervision y Coordinadores Comunales de Educación Extraescolar. Santiago, Chile, 2003.

COOMBS, Philip H. & AHMED, Manzoor, **“Attacking Rural Poverty: How nonformal Education Can Help”**, Baltimore, The Johns Hopkins, Univ. Press, 1974.

DA SILVA, E.T., **“O professor e o combate à alienação imposta”**. S.P.,Brasil. Autores Associados. 1991.

FARIAS, R. **“Fundamentos básicos del liderazgo”**, Santiago, Chile. Mistral. 1980.

FREIRE, Paulo , **“Pedagogia do Oprimido”**, Edit. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985.

FREIRE, Paulo. **“Pedagogia da Autonomia”** . Edit. Paz e Terra S/A Brasil. 1999.

FREIRE, Paulo, **“Conscientização”**, Edit. Moraes, S/P, 1980.

GADOTTI, Moacir **“Escola Cidadã”**, Edit. Autores Associados, S/P, 1992.

GARCIA, P.B. **“Saber popular/Educação Popular”**. In. Cadernos de Educação Popular. R.J., Brasil. Nova. 1983.

GOLEMAN, Daniel. **“Inteligência Emocional”**, Traduc. Marcos Santarrita Edit. Objetiva, Rio de Janeiro, 1995.

HILDEBRANT, Reiner & LAGING, Ralf. **“Concepções abertas no ensino da Educação Física”**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

LA BELLE, Thomas, **“Educacion no-formal y Desarrollo Rural Integrado en Latino América”**. Tema apresentado na Conferencia Internacional sobre ‘El desarrollo Rural Integrado’, Venezuela, Março, 1977. In Arouca, L. Sh. 1983.

MACHADO, N.J., **“Ensaio Transversais: cidadania e educação”**, São Paulo, Escrituras ed. 1997.

MATURANA, H. & DE REZEPKA, S. N. **“Formacion Humana y Capacitacion”**. Santiago-Chile: Dolmem Ediciones, 1995.

MATURANA, H. **“Emociones y Lenguaje em Educación y Política”**. Santiago, Chile. Dólmen. 1995.

MATURANA, H. **“Transformación en la convivencia”**, Santiago, Chile. Dolmen. 1999.

MATURANA, H. y BLOCH, Susana **“Biología del Emocionar”**, Santiago, Chile. Dolmen 1998.

MEDINA, João P. **“A Educação Física cuida do corpo... e ‘mente’”**, Papirus, 1986 SP.

MIRANDA, Martin, **“Por una Educación Extra-escolar?”**, In. Educacion no Formal. Educacion de Adultos. Santiago, Chile. 1975.

PEREZ GALLARDO, J. et al. **“Educação Física Escolar: do berçário até terceira série de Ensino Médio”**. Rio de Janeiro, Brasil. Lucerna. 2003.

RIDLEY, M. **“As origens da virtude”**. R.J., Brasil. Record. 2000.

ROMERA, L. A. **“A contribuição da Educação Física no processo de humanização do adolescente”**. Campinas, SP, 1998.

SANCHES ROSSINI, M. A. **“Pedagogia Afetiva”**. São Paulo, Brasil. Vozes 2003.

SCHONARDIE FILHO, L. **Educação Física na 1ª Série do Ensino Médio: Uma Prática por Compromisso**. (Tese de Doutorado). FEF-UNICAMP. 2001.

#### SITIOS WEB CONSULTADOS

<http://laip.sinaloa.gob.mx>

[www.munivaldivia.cl](http://www.munivaldivia.cl)

[www.jalisco.gob.mx](http://www.jalisco.gob.mx)

[www.me.gob.ve](http://www.me.gob.ve)

[www.mineduc.cl](http://www.mineduc.cl)

